

**FEDERAÇÃO NACIONAL DE KARATE – PORTUGAL  
SECTOR TÉCNICO – DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE TREINADORES**

**INTRODUÇÃO AO KARATÉ  
MÓDULO: O KARATÉ COMO DESPORTO ACTUAL**

**O KARATÉ DO SÉCULO XXI -  
PARA UMA ABORDAGEM PÓS-MODERNA**

**ABEL FIGUEIREDO & ARMANDO INOCENTES  
Abril de 2007**

# I - Introdução

A essência das "artes marciais" e dos desportos em geral, reside no facto de serem actividades humanas para servirem o seu protagonista: o ser humano. Por isso mesmo, estas actividades não são neutras, ou seja, direccionam e dão sentido ao processo de ser Homem, àquilo que denominamos por **desenvolvimento humano**. São fenómenos culturais indiscutíveis cuja génese, como sabemos, está marcada por determinadas formas de pensar, sentir e agir em determinado tempo, espaço e referencial, e onde se podem identificar normas, valores e símbolos característicos e seus caracterizadores.

Na actualidade, tem sido marcante a tentativa de elucidar as diferenças entre as artes marciais e os desportos de combate como derradeira tábua de salvação do que de "bom" existe naquelas práticas. No entanto, essa perspectiva não nos parece a adequada, principalmente porque encerra uma visão reducionista do conceito de **desporto**, o que pode vir a ser a própria negação das artes marciais actuais.

Sem dúvida nenhuma que o desporto da era moderna se tem tornado numa prática alienante do ponto de vista pessoal, e um autêntico quadro de hipocrisia do ponto de vista sócio-político. São inúmeros os interesses dos maus políticos ("pulhíticos") contemporâneos, a utilizarem o desporto como instrumento direccionador das suas mensagens interesseiras e com escrúpulos diferentes dos de quem pretende gerir eficientemente o processo desportivo.

Mas atenção, quer o esbatimento da personalidade na prática desportiva, quer os interesses hipócritas que se lhe têm vindo a anexar, dando uma determinada imagem de "desporto", têm vindo a ser identificados.

Na verdade, foi muito subtilmente que uma cultura de massas, caracterizadora da era industrial, foi padronizando os pensamentos, atitudes e modas, conduzindo as populações para práticas sem as sentirem, e para espectáculos sem os compreenderem.

Este quadro está também patente nas chamadas artes marciais (e assim no Karaté<sup>1</sup>). Na verdade, à falta de grandes interesses políticos, dado que estas actividades são pouco movimentadoras das "grandes massas", a estrutura mental de muitos dirigentes (clubes, associações e mesmo federações) tem obedecido ao mesmo encadeamento de interesses pessoais. Ao que parece, pouco interessa o desenvolvimento pleno dos **indivíduos** pela prática das artes marciais. Este interesse esbate-se perante o desenvolvimento da própria organização (instituição); interessa sim desenvolver a "minha" associação (por vezes a "nossa"), a "minha" federação, ou, ainda mais tacaño: o "meu estilo"...<sup>2</sup>

Talvez a hipocrisia se tenha instalado desde que o interesse económico levou a dar continuidade ao modelo massivo na intervenção quotidiana no *dojo*; um "mestre" e muitos, muitos "alunos"...

---

<sup>1</sup>Karate é um termo japonês que aqui entendemos no sentido contemporâneo de karatedo, ou seja, a via ou caminho (do) da mão (te) vazia (kara).

<sup>2</sup>Nas artes marciais, e no karaté em particular, existem diversas escolas que costumam ser denominadas como "estilos". A sua origem identifica-se com um determinado mestre geral, ou com um grupo de mestres. As escolas institucionalmente fundantes da Federação Mundial de Karaté são: Shotokan, Goju Ryu, Wado Ryu e Shito Ryu.

A relação com o **mestre** começou a ser mais uma forma de alienação em vez de ser uma relação pessoal, uma relação de desenvolvimento, tal como a relação com o treinador deixa de o ser em algumas práticas desportivas, e tal como a relação com o professor o tem deixado de ser cada vez mais.

Se, ao princípio, as intenções eram de abrir os benefícios do ensino das artes marciais à população em geral<sup>3</sup>, mais tarde, os interesses pessoais e a falta de formação foram infectando tal ideia. Muitas vezes é o interesse hipócrita que mantém a relação mestre-aluno... como se um verdadeiro **mestre** fosse fácil de encontrar, ou como se um verdadeiro **aluno** fosse fácil de ensinar...

Realmente estamos em crise de paradigma e as propostas para que se alterem os quadros de referência antigos, esclerosamente fechados, unidireccionalistas e esbatedores das diferenças individuais, surgem no sentido de tentarmos, cada vez melhor, compreender este fenómeno que é o da prática desportiva numa perspectiva alargada, pluridimensional, respeitadora das diferenças.

Assim, negamos cada vez mais qualquer tipo de compartimentalizações reducionistas das práticas desportivas. Na sua vez, as definições e enquadramentos são cada vez mais latos e, por isso, mais caracterizadores da realidade. Também esta crise indica a emergência dos valores da **individualização**, do **particular**, porque tudo é particular. Negam-se as receitas para todos os particulares e ultrapassa-se a procura de uma definição que englobe toda a realidade estudada, precisamente porque se entende que a realidade é complexa (talvez só para os espíritos atentos à complexidade); o particular torna-se cada vez mais complexo.

Queremos fazer o elogio da **formação** dos quadros desportivos do desporto em geral e do Karaté em particular. Sem formação que eleve o nível cultural dos intervenientes no processo desportivo (treinadores, dirigentes, árbitros e juízes, etc.), cada vez menos poderão esses quadros estar atentos à diferença, ao particular.

Fica evidente que vamos dirigir a nossa atenção para a situação desportiva do Karaté nacional. Talvez esteja para muito breve uma nova era...

Como disse Confúcio:

*"Ver o que é correcto e não o fazer é uma falta de coragem".*

Ou talvez seja apenas negligência...

---

<sup>3</sup> Até então reservado à aristocracia.

## II – De Paradigma em Paradigma

Infelizmente, as atitudes inovadoras dos grandes mestres de artes marciais não são tão difundidas como outros comportamentos.

A adaptação às novas realidades culturais sempre foi bem entendida pelos homens verdadeiramente cultos. Eles sempre se mantiveram firmes nos fundamentos humanistas das suas práticas, alterando com alguma facilidade o acessório. Por vezes há mesmo necessidade de abalar alguns dos fundamentos estabelecidos, há como que necessidade de fazer **cortes**.

A problemática do corte é explicitada por Luis Althusser como a passagem do sensível ao inteligível: **corte epistemológico**.

Na verdade, enquanto conhecimento pré-científico, as suas problemáticas não deixam de ser de âmbito ideológico. As problemáticas científicas emergem do conhecimento científico.

Em **ciência**, num primeiro momento, diz-nos Karl Popper, inventamos hipóteses ousadas; num segundo momento, vamos testar essas hipóteses, de forma muito rigorosa, tentando falsificá-las. Assim, perante um facto-problema, avançamos com uma hipótese explicativa que, para explicar tal facto, deve ser sujeita ao teste da falsificabilidade (reduzir a suposição ao absurdo, por meio de uma contradição com a experiência).

O centro da ciência, para Popper, é, pois, o **problema** e não a observação pura e simples. Os problemas são a discrepância entre as nossas teorias e os dados da observação.

Temos, assim, uma noção **descontínua** da evolução do conhecimento, o que é partilhado também por Thomas Kuhn que tenta dar uma visão que leve em conta a dimensão histórica da ciência.

Na verdade, quando há concorrência entre diversas escolas e tendências, não existe consenso no que respeita à natureza dos fenómenos, nem quanto aos métodos a empregar. Não há, então, **paradigma** reconhecido pela comunidade científica.

Este momento de **crise** de paradigma é fecundo em debates; no entanto, só os interessados no desenvolvimento científico das suas disciplinas é que nele participam de forma activa, procurando estabelecer um consenso generalizado à comunidade dos que debatem as respectivas visões da crise e as soluções para ela. Manuel Sérgio explica-nos que "[...] o paradigma Kuhniano é um modelo concreto, indispensável no acto mesmo da investigação. O paradigma faz parte da prática diária do cientista [...]" (SÉRGIO, 1989, p. 19).

Presentemente, o que se debate mais nas questões da **motricidade humana**, onde incluímos os desportos de combate e as artes marciais, é a crise em que está o paradigma cartesiano na fundamentação da nossa intervenção.

O Homem "cartesiano", diz-nos Manuel Sérgio (*ibidem*, p. 20), é "dividido em *res cogitans* e *res extensa*, em espírito e matéria", sublinhando-se que é pela *res cogitans* que o ser humano se distingue dos animais.

O dualismo cavado entre mente e matéria, com hipervalorização da primeira, o reducionismo ao quantificável, o estudo reduzido do corpo pelas ciências da natureza,

a concepção da natureza como "máquina perfeita" e o divisionismo imposto a estas realidades são algumas características do paradigma cartesiano. Realcem-se "o dualismo corpo-espírito [...] e a superespecialização que se desvincula de uma visão do *todo*." (*ibidem*, p. 21).

Na verdade, o Homem ocidental habituou-se ao conhecimento altamente formalizado que o levou a um certo conformismo intelectual. No entanto, houve **mestres da suspeita** que, depois da Idade Moderna, foram dessacralizando a Europa: Marx, Nietzsche e Freud entre outros.

Presentemente emerge uma nova Antropologia que resulta de uma convergência (ABREU, 1990) da teoria darwinista que ligou filogenicamente o Homem às outras espécies animais (Darwin), da concepção psicanalítica que encara sintomas somáticos sem bases fisiológicas (Freud), e da nova concepção fenomenológica da consciência intencional (Husserl).

Trata-se, na verdade, de outro paradigma (T. Kuhn), um paradigma em que se supera o dualismo cartesiano marcado pela dicotomia entre o **corpo**, como realidade regulada e explicada pelo determinismo mecanicista, e a **mente**, consciência e espírito, regulada por processos que culminam na vontade humana. A nova visão do Homem como "totalidade ou unidade integrada e integradora de componentes biológicos, psicológicos, sócio-culturais e axiológicos numa estrutura [...] dinâmica de interações recíprocas" (ABREU, 1990, p. 1169) é posta em relevo na feliz expressão de Sílvia Lima: **unidade bio-psico-sócio-axiológica**.

Uma última característica que não queremos deixar de evidenciar, é que no paradigma pós-moderno todo o conhecimento é auto-conhecimento, é local e total (fragmentação temática e não disciplinar), e, ainda, todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum: enquanto na ciência moderna o salto qualitativo é dado do senso comum para o conhecimento científico, na ciência pós-moderna, como nos diz Manuel Sérgio parafraseando Boaventura de Sousa Santos, "o salto mais importante é o que se dá a partir do conhecimento científico para o senso comum, isto é, para uma sabedoria de vida" (SÉRGIO, 1989, p. 25).

Nas artes marciais, quanto a nós, é esta **sabedoria de vida** que tem distinguido os verdadeiros dos falsos mestres. Os verdadeiros mestres de hoje têm uma mensagem pós-moderna e não estão enclausurados na visão reducionista e dualista passada, como, por exemplo, a um conceito de **desporto** ultrapassado.

Hoje, deixa de ter sentido o conflito teórico entre "artes marciais" e "desportos de combate", já que esse conflito tem uma raiz nefasta: absolutizar o paradigma que se conhece em relação ao que não se conhece.

Mais do que acumular conhecimento, os mestres de hoje procuram ajudar os alunos a identificarem as fontes de ignorância. Esses mestres estão por aí, crescendo consigo mesmo e ajudando outros a crescer, ou seja, saindo e ajudando a sair da ignorância.

### III - A Saída do Caos que é a Ignorância

Antes de iniciar o estudo da arte,  
um soco, era apenas... um soco.

Depois de começar a estudar a arte,  
um soco, deixou de ser "apenas" um soco!

Agora que compreendo a arte,  
um soco é apenas um soco.

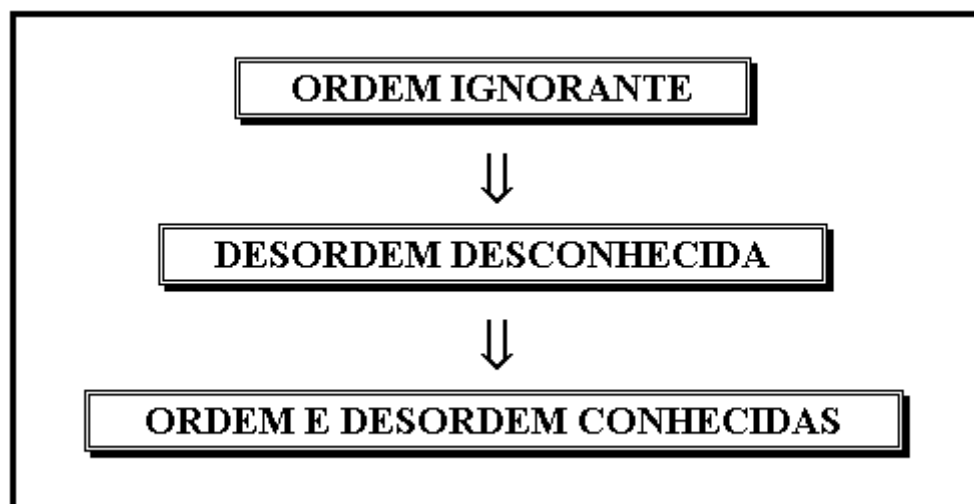
Para a maioria dos leigos interessados nas "artes marciais" ou "desportos de combate" as palavras "Karatê", "Taekwon-Do", "Kung-Fu", etc., denominam um sistema particular de luta onde se utiliza o próprio corpo como uma verdadeira arma mortífera. Para esses leigos, aquelas diferentes actividades encerram basicamente a mesma estrutura, e mesmo quando as começam a praticar não têm consciência das particularidades próprias de cada uma delas. Só depois de se iniciarem no estudo de uma determinada arte marcial ou desporto de combate é que os praticantes se vão apercebendo das diferenças estruturais entre essa e as outras artes marciais.

Na verdade, com o estudo mais aprofundado da sua "arte" ou "desporto" particular, vai-se deixando o estado de "ordem ignorante" onde conceptualmente estava tudo bem "arrumado", para um estado de "desordem desconhecida" onde o aprofundamento na estrutura particular vai evidenciando as diferenças particulares, levando-nos a pensar que afinal a realidade não é tão simples quanto se pensava inicialmente.

Este estado de confusão e de caos conceptual é análogo ao caos que um iniciado encontra em qualquer actividade, quando num dos seus primeiros treinos se percebe em situação de combate: mesmo que já comece a dominar (pensa ele) algumas "técnicas", a natureza global daquela situação face ao seu quadro de referência (físico, técnico, tático, psicológico, social, cultural e teórico) leva-o a um "mal-estar".

A distância não é bem gerida, as posições de guarda são inadequadas, a leitura dos pontos fracos e fortes do adversário, fundamentais para a decisão eficaz dos comportamentos ofensivos e defensivos a ter, é desordenada quando existe, as técnicas de defesa e de ataque não são eficientes nem eficazes, etc., etc.

É preciso, em tais situações, não desistir! Vale mais demonstrar num momento particular a própria ignorância do que permanecer ignorante uma vida inteira.



A situação de combate nos treinos de qualquer arte marcial ou desporto de combate é, quando bem gerida, a situação ideal para consolidar o auto-conhecimento e o hetero-conhecimento dos níveis de desordem e de ordem em que nos encontramos.

Seja qual seja o caos percebido é preciso arregalar bem os olhos, escutar bem o que nos rodeia, sentir como estamos e encontrar energias para dar um *salto* do caos para o cosmos, da confusão para a compreensão, da ignorância para o conhecimento.

Sabemos que as qualidades que permitem dar aqueles saltos são treináveis, isto é, com uma estimulação bem organizada adquirem um nível superior.

Se nos *dojo* (locais de treino) os processos de estimulação (treinos ou aulas) têm uma determinada orientação dada pelo gestor da prática da actividade (treinador, professor ou mestre), no caso dos meios de comunicação social (rádio, televisão, cinema, jornais, revistas, livros, etc.) a gestão dos processos de estimulação (publicidade, filmes, documentários, notícias, artigos, etc.) é feita pelos autores, actores, realizadores, etc. e, para ser devidamente divulgada, gerida pelos directores, produtores, etc. Em última análise: é ao agente estimulado ("consumidor") que cumpre decidir pelo abandono daquele *dojo*, pelo desligar da televisão, ou por deixar de ler a notícia ou uma publicação como esta.

Se é verdade que um bom treino é o que promove o bom desenvolvimento das qualidades necessárias para a melhor realização das tarefas que se pretendem resolver, também julgamos ser aceitável pensar que um bom veículo de informação (artigo, filme, etc.) é aquele que promove o esclarecimento dos agentes receptores da informação. Claro se torna que um mau treino é o que não promove o desenvolvimento das qualidades necessárias ou mesmo o que promove o mau desenvolvimento dessas qualidades, tal como uma má informação (ou uma má formação) é a que não promove a diminuição dos níveis de incerteza sobre o tema tratado.

Conscientes de que além das componentes indispensáveis do treino como as componentes *física* (onde as preocupações bioenergéticas são fundamentais), *técnica* (preocupações biomecânicas), *táctica* (preocupações bioinformacionais), *psicológica* e *ética* (preocupações do foro psico-social), também a componente *teórica* assume importância relevante no processo de treino desportivo, contribuindo para uma consciencialização cultural do próprio praticante.

Neste sentido, neste documento, tentaremos contribuir para o lançamento de um quadro referencial sobre os fundamentos da prática do Karaté numa sociedade pós-moderna, ou seja *de hoje até amanhã* (depois de amanhã já poderá ser completamente diferente - senão: não houve transformação!).

Este novo quadro de referência fundamenta-se numa "nova" visão de Homem e das suas respectivas actividades, ou seja, num Homem circular total e não cartesianamente dividido em "corpo" e "espírito".

Curiosamente, se estudarmos alguma história das artes marciais em geral e do Karaté em particular, concluiremos que houve momentos em que a visão circular das artes marciais e dos desportos de combate já foi a visão determinante em contradição com a actual visão reducionista onde a *forma* impera sobre o *conteúdo*.

Na verdade, a existência actual de um inumerável mundo de disciplinas particulares de artes marciais e desportos de combate inermes (sem armas) tem sido fenómeno motivador de grande reflexão ao ponto de levar à criação de sistemas mais

ou menos inovadores: Jeet-Kune-Do (Bruce Lee), Gracie Jujitsu (Hélio Gracie), Yoseikan-Budo (Hiroo Mochizuki), etc.

O erro estará em novamente olhar para estes movimentos inovadores com um espírito igualmente cartesiano, ou seja, em ficar num dos seus ângulos como se fosse todo o círculo. Esta tendência demonstra claramente que quem faz tal interpretação, não treinou suficientemente as qualidades que lhe permite dar o já referido *salto*.

O ***Karaté Pós-Moderno*** será para os Karatecas um *conceito operacional* que salienta as possibilidades de se dar o *salto* de um Karaté que promove o desenvolvimento do Homem característico da Revolução Industrial (até ao séc. XX) para um Karaté que promove o desenvolvimento do Homem característico da Terceira Vaga (séc. XXI). Não é em si mesmo o Karaté que se modifica mas antes a forma como se pratica, a forma como se ensina, a forma como se pensa, e assim, como se sente essa actividade.

Vamos analisar o Karaté característico de uma sociedade profundamente marcada pela industrialização, lançando a matriz de compreensão do que fazemos hoje nos nossos centros de prática (*dojo*).



## IV - Os Fundamentos Pré-Modernos do Karaté

Se queres a paz,  
estuda a guerra.

A origem dos Desportos de Combate e das Artes Marciais podem, em termos gerais, remontar à institucionalização da defesa pessoal: guerra. Embora identificado por Bouthoul (1966, p. 20) como um obstáculo ao estudo científico do fenómeno guerra, a tese antropomórfica que integra a concepção de guerra como disputa pessoal parece-nos interessante, principalmente como forma de colocar os Desportos de Combate e as Artes Marciais na cultura preventiva e terapêutica, ao regulamentar o duelo segundo padrões de códigos de honra, mantendo portanto os seus fundamentos antropomórficos.

No entanto, tem sido notória a operação mental de tentar diferenciar as “Artes Marciais” dos “Desportos de Combate”. Vamos iniciar por evidenciar o suporte do conceito de “Arte Marcial” para, em capítulos mais à frente, robustecermos o conceito de “Desporto”, saindo assim da tese da desordem ignorante.

Esta problemática foi por nós tratada em meados da década de oitenta num artigo com o título: O Significado Actual do Karaté – Arte Marcial / Desporto de Combate? (FIGUEIREDO, 1986). Ali colocámos uma citação de Kenji Tokitsu que permite o entendimento da questão central aqui envolvida.

*“No decorrer da era Tokugawa, o sabre deixa de ser um simples objecto material para ser considerado a alma do guerreiro (...). A sua forma afina-se, a curvatura do sabre e da ponta modificam-se. Sem guerra entre feudos, a prática de artes marciais desenvolveu-se pois os guerreiros entregavam-se ao exercício quotidiano bastante produtivo que era a marca da sua ordem. (...) Houve uma orientação para o aperfeiçoamento de cada técnica e de cada gesto, e a qualidade dos detalhes tornou-se essencial. (...)” (TOKITSU, 1979, p.101).*

Sem entrar em detalhes que podem ser facilmente consultados, recordemos que a arte é uma forma de simbolização, é a criação de valores tais como o belo, o sublime (FIGUEIREDO, 1986, p. II, com base na definição encontrada no Dicionário de Filosofia de José Ferrater Mora de 1978).

A arte transcende a sobrevivência e valoriza a acção. O termo arte deriva do latim *ars* (*artis*) que é equivalente ao grego *τεχνη* (*tecnh*), implicando estes termos fundamentalmente acção, sentimento e pensamento (saber) (FIGUEIREDO, 1986, p. III).

É interessante perceber que a preparação para a guerra em momentos de paz produz organizações e, ao longo dos tempos a sua institucionalização, produz vários fenómenos. A educação do guerreiro e os valores humanos e técnicos inerentes são evidentes no estudo da história das artes marciais.

Na sua origem, as Artes Marciais e os Desportos de Combate encerravam valores numa relação íntima e global com o seu protagonista. Actualmente, a sua gestão tende novamente para o privilégio do conhecimento do “eu” total integrado no grupo e é esse que tem sido o “fio-de-prumo” da maioria dos mestres verdadeiramente especialistas da sua arte e cultos no seu enquadramento fundamentador do desenvolvimento humano. O âmago do Karaté é, sem qualquer dúvida, o desenvolvimento humano cujo sentido depende do sentido do projecto onde se baseia a prática do Karaté.

Quanto mais estudamos a história do desenvolvimento do Karaté, mais fica evidenciada a sua antineutralidade como processo de desenvolvimento. Por si só, esta

actividade, como qualquer outra, não promove o correcto desenvolvimento. Na verdade é a ideia de projecto que, sendo o fio mediador da prática orientada de Karaté, dá uma direcção e um sentido ao desenvolvimento individual e colectivo dos praticantes de Karaté em cada um dos *dojo* existentes em todo o mundo.

Se a escola/estilo é importante, quem a veicula é mais importante do ponto de vista desenvolvimentista e se a história do Karaté nos demonstra que foram os vários projectos individuais e colectivos que construíram o actual Karaté, então também nós temos a responsabilidade de continuar a construção do Karaté do amanhã.

No próximo capítulo veremos que as operações fundamentais para o desenvolvimento do Karaté Moderno (séc. XX) foram a massificação do seu ensino, o enraizamento numa organização autocrática (escola/estilo) e, por fim, o espírito militarista e o modelo da industrialização como campos de enquadramento da expansão mundial do Karaté.

Mas como seria a prática do Karaté antes destes movimentos transformadores? Que sentido teria para os respectivos protagonistas?

Num dos livros essenciais ao desenvolvimento do Karaté em Okinawa-Japão, o BUBISHI<sup>4</sup>, pode-se notar, em primeiro lugar, o carácter eclético da sua abordagem:

*Podemos classificar a técnica da arte da grou em três categorias; a grou que voa, a grou que combate e a grou que joga. A grou que voa empurra, projecta, derruba e perturba. A grou que combate sacode, larga e rompe. A grou que joga protege-se, cola-se, mexe, mergulha, vira-se, cai, incha-se, e impede o outro de se mover. Podemos utilizar estas técnicas para diminuir a energia do adversário, para o destruir ou para defesa pessoal. Para tal é importante não dividir o seu espírito da sua vontade mas de os unificar. Graças à integração do espírito e da vontade a energia funde-se com a força e, graças à integração da inspiração e da expiração, as forças interna e externa jorram com naturalidade. Se não dominarmos esta regra, não poderemos adquirir uma força dinâmica e a força tornar-se-á tão rígida como se estivéssemos inertes. As forças distanciar-se-ão entre o alto e o baixo do corpo; isto não é conforme ao princípio da eficácia e não poderemos chamar aquilo "arte de combate". (BUBISHI in: TOKITSU, 1994, p. 165)*

Não se tratava, portanto, de trabalhar predominantemente os batimentos (atemis), ou as projecções, ou as chaves, ou as imobilizações ou ainda os estrangulamentos. A fonte de inspiração do treino seria sempre o combate real na sua natureza global e não restritamente apelativa a determinadas distâncias de combate. E os objectivos do treino reduziam-se à melhoria das qualidades inerentes à resolução eficaz das situações de luta?

Matsumura<sup>5</sup> deixa a um dos seus alunos (Ryôsei Kuwaé) um dos documentos mais antigos da história de Okinawa - tratam-se de algumas instruções de treino :

---

<sup>4</sup>Kenji Tokitsu no seu livro de 1994, *Histoire du Karate-do*, das edições Francesas S.E.M., com autorização de mestre T. Ôtsuka (10º dan), dá-nos uma primeira tradução europeia sintética a uma cópia que Chojun Miyagi trouxe do sul da China no início deste século. Havendo várias cópias deste antigo tratado de arte marcial chinesa (algumas feitas por mestres como S. Matsumura, A. Itosu, G. Funakoshi, C. Miyagi, K. Mabuni, etc.). TOKITSU (1994, p. 163) refere-nos que este livro é considerado pelos adeptos de Okinawa como um dos documentos mais importantes do Karaté.

<sup>5</sup>Sôkon Matsumura (1809-1899) para a maioria dos autores de História do Karaté foi um dos principais personagens fundadores do Karaté moderno. Além de estudar a escola *Jigen-ryu* da arte japonesa do combate com sabre, tendo mesmo ficado conhecido na China como um excepcional executante, viajou bastante enquanto guarda do príncipe do palácio de Shuri. Em 1836, durante uma estadia de 15 meses em Pequim, iniciou a aprendizagem de uma arte de combate chinesa com um mestre chinês de nome Wèi Bo (Iwâ - pronúncia em Okinawa) - provavelmente, segundo TOKITSU (1994, p. 39), uma das três principais escolas do norte da China: *xingyi-quan*.

*É indispensável compreender o verdadeiro significado do treino em artes marciais. A seguir caracterizo essa atitude que deverá estudar com cuidado.*

*Desde logo as vias de estudo e de arte marcial são baseadas num mesmo princípio e cada via compõe-se de três espécies. [...]*

*As três espécies na via da arte marcial são a arte marcial do intelectual, a arte marcial do pretencioso e a arte marcial do budo.*

*Na arte marcial do intelectual, pensamos em diferentes formas de treino e mudamos sem as aprofundar. Conhecemos numerosas técnicas mas a prática é como uma dança sendo incapazes de as aplicar em combate. Não se é melhor que uma mulher.*

*Na arte marcial do pretencioso, agitamo-nos bastante sem nos treinarmos realmente, portanto, falamos muitas vezes das nossas façanhas gloriosas. Causamos tumultos, desordens e ofendemos os outros. Segundo as circunstâncias arriscamo-nos à auto-destruição ou à desonra da nossa família.*

*Na arte marcial do budo o êxito assenta numa elaboração permanente, permanecemos calmos mesmo quando os outros estão agitados e ganhamos dominando o espírito do nosso adversário. Com o amadurecimento da nossa arte chegamos a manifestar capacidades superiores e subtilezas, imperturbáveis seja em que situação for, nunca saindo de nós mesmos. E, por lealdade e fidelidade ao nosso senhor e aos nossos pais, tornamo-nos um tigre feroz, uma águia digna; donos da rapidez de visão de um pássaro, poderemos vencer qualquer inimigo.*

*O objectivo da arte marcial consiste em dominar a violência, a tornar inúteis os soldados, a proteger o povo, a desenvolver as qualidades da pessoa, a assegurar tranquilidade, a criar harmonia entre os grupos e, de seguida, a aumentar os bens da sociedade. São as sete virtudes da arte marcial que o Santo Mestre (Confúcio) elogia. [...] São inúteis as artes marciais do intelectual e do pretencioso. Gostaria que prosseguisses no sentido da arte marcial do budo e fosses capaz de reagir convenientemente segundo as situações em mutação e de as dominar.*

*Escrevi isto sem quaisquer reticências já que é com esse espírito que deverá continuar a aprofundar o teu treino (MATSUMURA in: TOKITSU, 1994, pp. 44-45)*

Um dos primeiros sentidos para o desenvolvimento é, acima de tudo, a evidência do seu enquadramento global. Nos objectivos apresentados, apesar de alguns iniciarem uma certa especificidade (persistência e continuidade no treino, coerência com a situação de combate, "rapidez de visão", etc.) o enquadramento ético é notoriamente evidenciado.

Hoje, a saudação ao adversário, continua a ser o espaço ritualizador da ética essencial ao combate regulamentado (Kumite), assim como à execução dos exercícios de treino com parceiro (Bunkai) e sem parceiro (Kihon e Kata). É um espaço de ordem ética que marca o início e o fim de um espaço que culmina com a morte simbolizada no ipon, na vitória ou derrota (Sho-Bu).

Por outro lado, não podemos deixar de evidenciar o elogio de uma concepção de técnica particularmente pertinente. É, sem qualquer dúvida, menosprezado o reducionismo antológico, ou seja, a redução do Karaté ("arte de combate") a um conjunto de "técnicas" cujo maior somatório dará maiores probabilidades de vencer; nega-se, sem qualquer dúvida o "mais treino" e elogia-se o melhor treino. Fica-nos evidente o enquadramento da forma no conteúdo significador: o combate.

Mesmo A. Itosu, criticado por ter feito algumas modificações a Katas antigos, no sentido de os tornar mais "seguros" aos estudantes escolares, quando em Outubro de 1908 escreveu 10 instruções comentadas para a prática do Karaté salienta a necessidade de distinguir as situações que têm por objectivo o treino físico das que têm um objectivo estratégico.

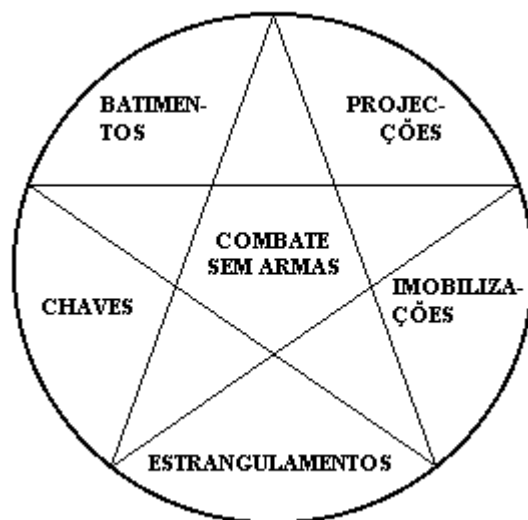
Também decorrente do conjunto das instruções dadas, Itosu preocupa-se com a dimensão ética. Paralelamente à dimensão técnica e tático-estratégica já evidenciada, há, claramente, a preocupação com a dimensão física e psicológica. Se para aquela ele

apresenta o treino no Makiwara<sup>6</sup> como suporte fundamental, para esta evidencia a necessidade de treinar a atenção pensando sempre em inimigos reais, com a vontade de um guerreiro, para se adquirirem capacidades reais.

A circunstância lançada pelas *regras competitivas* institucionalmente estabelecidas e desenvolvidas pela hoje denominada Federação Mundial de Karaté (FMK) onde se encontram filiadas as federações nacionais representativas da modalidade, principalmente para a prova de Kumité (combate), são uma circunstância redutora que, como qualquer outra, qualifica a situação de combate numa outra ordem qualitativa, o que leva mesmo alguns mestres de Okinawa a dizerem que isso não é o Karaté-do.

Na verdade, a grande conclusão a que podemos chegar neste momento é que, a nível técnico, há espaço para uma natureza eclética nos fundamentos do Karaté: batimentos; projecções; imobilizações; chaves e estrangulamentos. A nível desenvolvimentista, por outro lado, as artes marciais e os desportos de combate como o Karaté não pretendem exclusivamente o desenvolvimento das qualidades inerentes à resolução de situações de combate inerme (sem armas): tratam-se de actividades que visam promover o desenvolvimento pessoal onde a ética e o respeito pela vida imperam como valores sempre a actualizar.

Por isso mesmo é de salientar a utilização de situações de equilíbrio - desequilíbrio - projecção, projecção - imobilização, equilíbrio - desequilíbrio - (imobilização) - chave ou estrangulamento, além das mais comuns relacionadas com os toques de e para zonas determinadas (equilíbrio - desequilíbrio - batimentos).



Assim, desde logo poderemos afirmar que caracterizar a prova competitiva de Kumité não é caracterizar globalmente a modalidade Karaté. Na verdade a gestão deste desporto de combate pressupõe o lançamento de projectos que dinamizam um conjunto de dimensões. São estas dimensões que procuraremos caracterizar depois de abordarmos a nascitura do Karaté na sociedade industrial.

---

<sup>6</sup>Instrumento característico do Karaté de Okinawa, provavelmente evoluído a partir das experiências de Sôkon Matsumura (1808-1899). Estudante da arte do sabre da escola Jigen-ryu com um treino baseado no *Tategi-uchi* que consistia em golpear um tronco de árvore com toda a energia e até à exaustão com um pau de madeira sólida e com cerca de um metro e trinta (três mil vezes de manhã e oito mil à noite). Somos em crer na tese de TOKITSU (1994) de que este instrumento típico de Okinawa teve origem ou grande evolução a partir de Matsumura.

## V - A Emergência do Karaté na Sociedade Industrial

Antes do séc. XX, quem se quisesse iniciar na prática do Karaté em Okinawa teria que procurar a sua aceitação por um mestre. O ensino desta arte marcial era certamente mais individualizado do que massificado e, ao contrário do que ocorre nos dias actuais, em perfeito "segredo".

É em 1901 ou 1902 que se dá a primeira incursão do Karaté no público em geral, com a sua inclusão nos programas de Educação Física de duas escolas públicas de Okinawa, sendo Anko Itosu (1839-1915)<sup>7</sup> o primeiro mestre de Karaté a instruir publicamente (FUNAKOSHI, 1974; CORCORAN & FARKAS, 1988, p.166).

Em 1917 o Karaté sai da ilha e penetra o continente nipónico com uma demonstração no *Butoku-den* em Kyoto, vindo-se a formar em 1924 o primeiro clube universitário na Universidade de Keio.

A massificação característica desta primeira expansão pelo continente nipónico culmina com o reconhecimento oficial do Karaté como uma das artes marciais Japonesas e fundação do Ramo de Okinawa no *Dai Nippon Butokukai* em 1933, sendo em 1936 que o termo *Karaté*<sup>8</sup> passa a ser oficialmente utilizado para designar a arte marcial Japonesa com origem em Okinawa.

Da expansão e massificação do Karaté na educação escolar de Okinawa passou-se à massificação generalizada no continente que foi dando origem a outras formas de treino, dessacralizando a exclusividade das formas anteriores<sup>9</sup>. Na perspectiva de se conseguir testar o nível em que se estava perante um determinado processo de treino, sem que isso obrigasse necessariamente ao confronto "real", foram surgindo formas de *Kumité* cada vez mais elaborado (regulamentado).

Foi este movimento particular que deu resultado ao fenómeno competitivo institucionalizado. Em 1962 funda-se a JKF<sup>10</sup>, com características inter-estilos e em 1965 acontecem os primeiros campeonatos japoneses. Em 1966 é fundada a EKU (European Karatedo Union), tendo lugar em Paris os primeiros campeonatos Europeus de Karaté. Em 1970, em Tokyo, funda-se a WUKO (World Union of Karatedo Organizations) e decorrem os primeiros campeonatos mundiais de Karaté. Iniciava-se, pois, uma outra expansão mundial, baseada essencialmente na vertente competitiva institucionalizada, actualmente sob a égide da agora FMK (Federação Mundial de Karaté), definitivamente reconhecida pelo Comité Olímpico Internacional como a entidade representativa do Karaté Mundial, após a unificação tão esperada entre o movimento de J. Delcourt e o de H. Nishijima.

---

<sup>7</sup>Também conhecido como Yasutsune Itosu ou Shishu Itosu, foi um dos principais mestres influenciadores de Gichin Funakoshi (1869-1957), criador da escola *Shotokan*.

<sup>8</sup>Foi Chomo Hanashiro que quebrou a tradição em 1905 e escreveu *Karaté* com dois novos caracteres que significavam "mão vazia" e não o usual "mão chinesa".

<sup>9</sup>Onde se incluem: *Kata* como um conjunto de situações de combate, estandardizadas e trabalhadas encadeadamente de forma individual; *Bunkai* como situações de treino com parceiro das situações retiradas do *Kata*; *Kihon* como um conjunto livre de um número reduzido de situações de treino individual de combate para aperfeiçoamento de determinadas componentes. Não era muito usual o trabalho em *Kumité*: "encontro entre mãos", ou seja, combate, desde o mais convencional ao livre.

<sup>10</sup>Japanese Karate Federation fundada pelos quatro maiores estilos: Shotokan (representada por Nakayama); Wado-Ryu (H. Ohtsuka); Goju-Ryu (G. Yamagushi e Shozo Ujita); e Shito-Ryu (Mabuni e Manzo Iwata). É o primeiro movimento inter-escolas que marca o futuro do desenvolvimento competitivo institucionalizado do Karaté moderno.

Por outro lado, um outro movimento característico começou a notar-se desde 1927/28, quando vários mestres iniciam a denominação dos seus sistemas de treino de Karaté com nomes que ultrapassam a cidade onde eram praticados. Chojun Miyagi (1887-1953) denomina o seu estilo/escola de Karaté como **goju-ryu** Karaté<sup>11</sup>. A seguir, em 1930, Kenwa Mabuni (1889-1952) funda o **shito-ryu**, enquanto em 1936 os alunos de Gichin Funakoshi (1893-1957) fundam o dojo **shotokan** que dará nome a essa conhecida escola/estilo particular<sup>12</sup> e em 1939 Hironori Ohtsuka (1892-1982) funda o **wado-ryu** Karaté. Passam a ser as quatro escolas/estilos institucionalmente fundantes da FMK, embora muitas mais existam: kiokushinkai, shukokai, shorin-ryu, uechi-ryu, ishin-ryu, etc. Assim, consolidava-se uma certa analogia aos **BUDO**<sup>13</sup> que se caracterizavam em vários *ryu*<sup>14</sup>.

A posterior expansão mundial foi feita com base nesta concepção escolástica do Karaté e assim se foram criando as associações nacionais e internacionais de escolas/estilos sempre com a ligação directa a um mestre Japonês (modelo autocrático: de cima para baixo)<sup>15</sup>. O modelo autocrático e centralizado característico das organizações Japonesas de Karaté foi copiado para o ocidente, levando a uma organização associativa não fundamentada essencialmente nos princípios da democracia representativa característicos das culturas ocidentais.

Por outro lado ainda, verifica-se que a expansão mundial do Karaté inicia-se no pós-guerra<sup>16</sup>, o que faz com que nas aulas ou treinos de Karaté se veja reflectido um certo espírito militarista característico das formas de treino militares que se foram enraizando durante a II Guerra Mundial.

A massificação do Karaté, o seu enraizamento em organizações autocráticas e este espírito militarista característico são operações perfeitamente coerentes com os princípios subjacentes ao código oculto da civilização industrial e que vêm fundamentar uma determinada concepção de ensino e treino de Karaté, tal como acontece com o Desporto em geral.

O Desporto moderno ocidental nasce na segunda vaga e, naturalmente, encerra o código característico da atitude industrial. A inter-relação entre todos os princípios ocultos é evidente, levando, em última análise, à perda completa do verdadeiro sentido da prática desportiva. Sincronizaram-se os ritmos das multidões em assentos de estádios maximizados e maximizadores das prestações dos especializados artistas (por

---

<sup>11</sup>É necessário fazer notar que Sokon Matsumura (falecido em 1896) é o primeiro mestre a sistematizar o seu Karaté, dando-lhe, em 1830 um nome que ultrapassa o seu próprio: shuri-te (da cidade Okinawense Shuri). Até aí o Karaté de alguns mestres famosos era conhecido pelo seu nome próprio: Tode Sakugawa por exemplo.

<sup>12</sup>Se tivesse sido fundado o shoto-ryu, teríamos na mesma linhagem o shotokai e o shotokan. Por maiores influências políticas o nome shotokan imperou distintamente do shotokai, o que historicamente não é muito correcto. Provavelmente foi de propósito que G. Funakoshi não decidiu formalizar o nome do seu estilo, ao contrário dos outros mestres da altura com maior influência no desenvolvimento político do karaté.

<sup>13</sup>Onde se agrupam todas as artes marciais nipónicas modernas, numa transição entre a orgânica centrada na preparação para a guerra e uma dinâmica centrada no desenvolvimento individual pela prática das artes marciais. Com uma consolidação extrema das filosofias nipónicas o desenvolvimento dos BUDO tem sido muito grande.

<sup>14</sup>Escola, ramo ou, como é mais conhecido, "estilo". No entanto, tendo em conta que "estilo", do ponto de vista das ciências do Desporto é a interpretação individual da técnica, o termo que julgamos mais correcto será Escola.

<sup>15</sup>Torna-se evidente que a visão empírica do Karaté leva a modelos profundamente baseados na concentração de informação num indivíduo (o mestre; o mais graduado), centralizando, assim, todos os sentidos e direcções das relações estabelecidas.

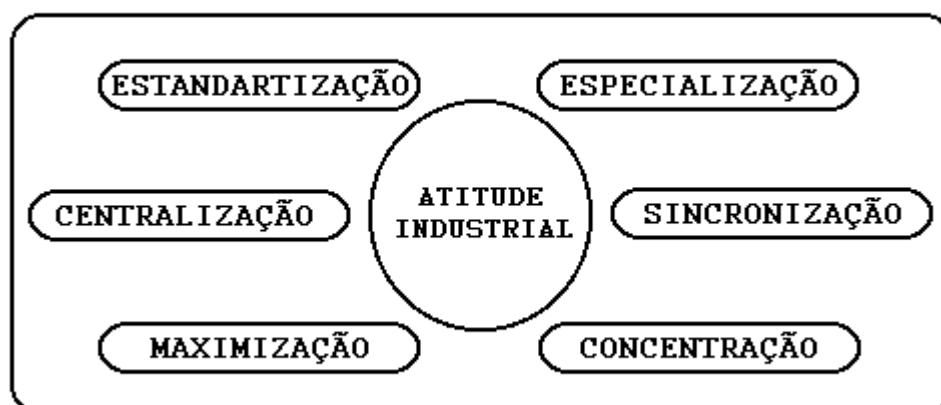
<sup>16</sup>Robert Trias introduz o Karaté na América em 1946, tornando-se, segundo CORCORAN e FARKAS (1988, p.170) o primeiro ocidental a fazê-lo.

sua vez standardizadores de determinados comportamentos), concentraram-se e centralizaram-se as informações em determinados órgãos de poder, etc.

É natural que os Desportos de Combate do extremo oriente ("artes marciais") também fossem assimilando, uns em maior grau do que outros, alguns daqueles princípios. Sincronizaram-se os tempos de aprendizagem de vários indivíduos concentrando-os no mesmo *dojo*; centralizou-se mais a gestão e realização de todo o processo no modelo "mestre"; maximizou-se a produção fazendo crescer o lucro do trabalho pela diminuição da relação mestre/alunos; standardizaram-se mais os comportamentos, pois passámos a ter mais indivíduos a seguir o mesmo processo; etc.

Numa sociedade industrializante, é sob a égide dos princípios ocultos da industrialização que se pensa, sente e age. A gestão industrializante do Karaté assenta fundamentalmente na centralização de poder e de informação num indivíduo: o "mestre industrializante". Dele parte todo o conhecimento, dele partem todas as decisões e o estilo de gestão do ensino de Karaté aos seus alunos é o da selecção de mão-de-obra especializada na maximização dos modelos impostos. É assim que tendem a ficar na organização os alunos que demonstram boas qualidades de imitação dos modelos standardizados pelo "mestre". Se a standardização acarreta a separação entre quem pensa e quem age, promovendo a imitação em detrimento da inovação, faz com que os karatecas assim formados sejam standardizadamente parecidos entre si.

#### CÓDIGO OCULTO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL



O tempo em que ocorre esta prática de Karaté é claramente sincrónico, e é o "mestre" que marca o ritmo, concentrando os alunos nos locais de treino próprios para o efeito. A organização da aula promove o sincronismo e concentra ao mesmo tempo todos os alunos, massificando sincronicamente a prática de karaté em torno do "mestre pensante".

Não se trata portanto de uma gestão que pretende acima de tudo promover o desenvolvimento individual de todos os praticantes, gerindo as situações de treino a partir dos seus próprios potenciais. Na verdade só interessam "alguns" já que o ensino de Karaté se baseia predominantemente no observar bem o mestre, fazer tão bem como o mestre e no momento em que o mestre decide. Este tipo de organização do ensino permite que o praticante sinta, a partir de determinado momento, que além de já saber fazer as "técnicas" (imita o mestre) sabe ser mestre - passa portanto a ser um "instructor" na cadeia da organização a que pertence sempre sob égide dominante do "mais mestre".

O Karaté mundial reflecte ainda hoje todos esses movimentos particulares. Note-se, por exemplo, que a condução de uma aula massificada é, em muitos casos, caracteristicamente autocrática e com um estilo de comando análogo ao da instrução militar, estando a maioria das instituições de Karaté nacional, na sua maioria, ligadas a uma escola/estilo particular, logo, a um mestre Japonês, numa orgânica mais autocrática do que democrática.

Esta característica comum à maioria das artes marciais ultrapassa as questões meramente técnicas, o que é comum em outras actividades desportivas (esgrima, por exemplo, quando se convidam técnicos estrangeiros para fazerem um estágio; basquetebol, quando se convidam treinadores americanos para fazerem um "clinic"; etc.). Na verdade, nas artes marciais, o poder da graduação, como uma relação pessoal entre o mestre e o discípulo, mantêm um outro tipo de ligação que ultrapassa as questões "técnicas", o que deixou de ser entendido por alguns indivíduos que ao olharem para o poder de graduar como uma forma de exercerem autonomamente o seu poder, deixaram os seus "mestres" originais e passaram a outros com um maior lucro de graduação ou então criaram a sua própria organização passando a ser eles os detentores do poder de graduar (assim nascem alguns novos mestres...).

Certamente que a maioria dos actuais treinadores e mestres de Karaté e outras artes marciais ou desportos de combate, não defendem uma gestão exclusivamente marcada pelos princípios que regeram ocultamente a construção da sociedade industrializante (que é a nossa), principalmente no mundo ocidental. Hoje defendem-se formas de ensino e métodos de treino e prática de Karaté que retomem a visão humanista e assim desenvolvimentista que já caracterizou esta nobre actividade.

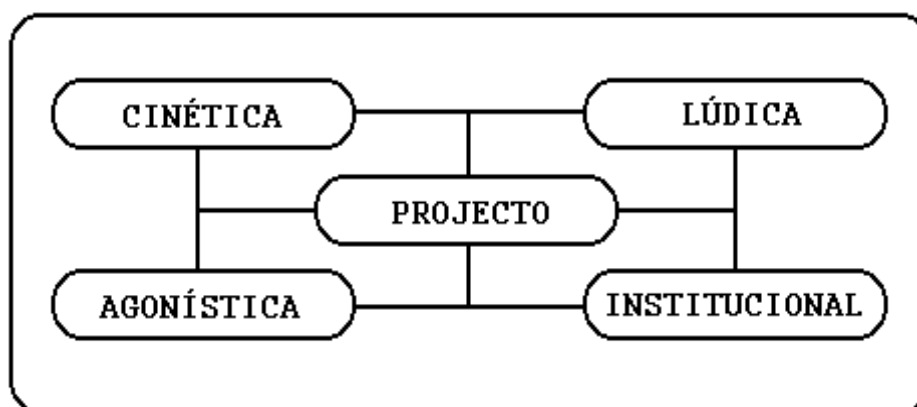
Nos próximos capítulos poderemos reflectir sobre os fundamentos do Karaté Pós-Moderno, ou seja sobre uma gestão Pós-Moderna desta actividade de forma a torná-la verdadeiramente oportuna para o século XXI.



## VI - Fundamentos da Gestão do Karaté

Nascido com a industrialização, profundamente marcado pelo paradigma passado que lançava um determinado conceito de Homem e de motricidade humana, o Karaté Moderno vai transformando-se em Karaté Pós-Moderno, ou seja, tal como o fenómeno desportivo na generalidade, vai assumindo, cada vez mais, uma perspectiva holística, ou seja ainda, ultrapassa o reducionismo passado para lançar uma visão integradora das várias facetas possíveis a assumir e, assim, a gerir.

A análise actual e futura às artes marciais e aos desportos de combate assenta em quatro dimensões: **cinética**, a que respeita à qualidade e quantidade do movimento humano, **agonística**, onde se observam diversos graus de auto e hetero-emulação (competição), **lúdica**, onde o prazer intrínseco ao jogo humano é factor a considerar e **institucional**, com todos os regulamentos e temas decorrentes do associativismo característico do desporto. Destas dimensões, abertas e com interfaces entre si, tem emergido também uma ideia fundamentadora da direccionalidade da organização e gestão das actividades: a ideia de **projecto**.



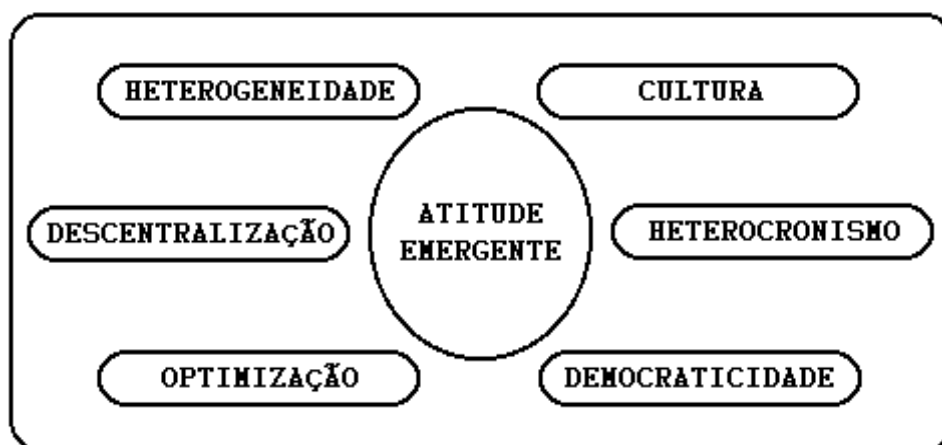
As artes marciais e os desportos de combate como fenómenos holísticos integradores destas dimensões, verdadeiros *factos sociais totais* (Marcel Mauss), podem ser dimensão concreta de desenvolvimento e, como todos os fenómenos de desenvolvimento, não são neutrais, sendo a ideia de projecto que espelha essa anti-neutralidade, dando um sentido ao fenómeno em si.

Reduzir o **projecto** a uma maximização do "recorde", analogamente à maximização da produção da indústria, obrigou a especializar o trabalho para maior operacionalização, estandardizando as funções específicas, sincronizando os tempos de acção dos operadores, concentrando-os em diversos momentos e centralizando as decisões.

Hoje precisamos de mais Homens e de menos "robots". O especialista não é aquele inculto que não sabe do resto, mas aquele que, **culto**, cada vez melhor sabe do seu campo específico de acção. A especialidade torna-se trans-disciplinar. A estandardização passada passa a dar maior evidência à **heterogeneidade** entre os indivíduos preparando-os para a criatividade. A concentração e centralização são mediadas pela **democracia** e **descentralização** de forma a evidenciar e consolidar que, cada vez mais, o respeito por *todos* os indivíduos leva a enquadrá-los, a cada um, como particular. Assim, da sincronização esbatedora das diferenças de ritmos de

desenvolvimento, os novos projectos de desenvolvimento levam em conta o **heterocronismo** diferenciador, pelo que a maximização cega de conteúdo individual e situacional leva à **optimização**, ou seja, uma "maximização" que deixa de estar enquadrada no espírito anterior, para passar a ser uma operação ao serviço do desenvolvimento.

A realização do projecto individual olha-se, cada vez mais como um processo holístico inter-factorial, multi-factorial, trans-factorial.



Neste novo quadro referencial surgem novas necessidades e outras competências para quem vai ficar responsável por gerir a prática de artes marciais e de desportos de combate.

O aumento da qualidade do ensino de Karaté e de outras artes marciais e desportos de combate passa pela diversidade de oferta (ecletismo) e pela individualização do processo de treino. Para isso é fundamental o trabalho de equipa e a formação contínua em novas competências de gestão do ensino e treino de Karaté de todos os elementos da equipa.

Na verdade, o quadro humano actual assenta num determinado tipo de trabalho de equipa gerido mais ou menos de forma autocrática com base numa sistemática formação contínua. Os Instrutores continuam a ser praticantes de Karaté em torno do seu Mestre e, no próprio *dojo*, acabam por gerir o ensino e treino de forma coerente com a própria prática. Esta coesão é uma das virtudes das organizações características das artes marciais ou desportos de combate do extremo oriente com raízes no código oculto da revolução industrial.

O quadro humano futuro não deverá perder esta virtude mas, em nosso ver, poderá evoluir para o aumento das competências de um âmbito preponderantemente "técnico", no sentido da prática da modalidade, para um âmbito *técnico* no sentido da gestão do ensino e treino dessa modalidade o que acarreta um determinado salto.

A gestão do ensino e treino de Karaté não encerra exclusivamente a qualidade e quantidade cinética dos exercícios propostos em cada aula/treino. O exercício engloba uma componente lúdica importante necessariamente diferente da população infantil para a adulta e mesmo para a geronte (mais "velhinhos"), ou diferente dos atletas competidores para os praticantes com preocupações de defesa pessoal; este último aspecto leva também a ter que gerir se as preocupações competitivas são mais de domínio fisiológico (aumento individual da condição física) se de âmbito comparativo

(vencer aquele atleta em prova de kumité), ou mesmo individual (progressão nas graduações); esta última dimensão, a agonística, faz também com que a gestão do tipo de filiação (associativa, federativa, etc.), em coerência com as regulamentações gerais e específicas da prática da modalidade em cada país, assuma relevância no âmbito da dimensão referida como institucional.

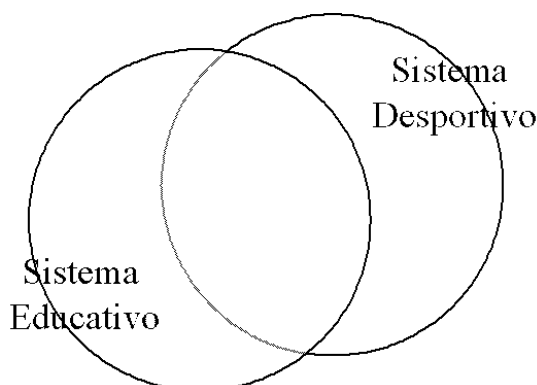
Mesmo a um nível mais macro, aquele quadro quadridimensional assume relevância geral orientadora da gestão a fazer. Note-se por exemplo o movimento que no seio da FMK (WKF) se realizou ao se diferenciar um nível de preocupações mais de âmbito restritamente competitivo de um nível mais de âmbito "tradicional".

Os projectos de desenvolvimento da modalidade, quer a nível macro (Federação Mundial) quer a nível micro (*dojo*), nas suas opções de gestão traduzem também a definição por uma matriz mais industrializante ou mais *pós-moderna*.

Assim, assumir a existência de várias facetas expressivas para o Karaté é dar mais evidência à heterogeneidade em lugar da estandardização, dando mais espaço à democracia e à descentralização em detrimento da concentração e centralização. Estar preparado para gerir com este novo estilo o Karaté de amanhã é, em lugar da especialização cega, promover uma formação culta onde a valorização da maximização dê lugar à optimização como forma de individualizar o processo de ensino e treino da modalidade.

O equilíbrio passa por se assumir cada vez mais democraticamente o regime autocrático inerente a valores tradicionais como o respeito pelo mestre, pelo mais velho e pelo mais graduado, o entendimento da graduação como um elo de ligação entre o mestre e o aluno ou, em altos graus, de um conjunto de mestres a um outro mestre, assim como o assumir cada vez mais seriamente que a descaracterização e desordem negativas que podem afectar o progresso futuro das artes marciais e dos desportos de combate só podem ser contrariadas pela promoção interna de processos de aumento da cultura de todos os intervenientes e não exclusivamente de alguns.

As formas de organização da informação e da formação contínua de todos os praticantes de artes marciais assumem, assim, uma relevância extrema. Mantermos o contacto entre todos, comunicarmos as novas e as velhas ideias, alertarmo-nos constantemente uns aos outros para que não percamos durante muito tempo a atenção necessária para a construção dos fundamentos dos projectos futuros de desenvolvimento do Karaté e de outras artes marciais e desportos de combate, passarão a ser cada vez mais tarefas fundamentais na transição de século que estamos a iniciar com a segunda metade da última década do século XX.



A intercepção do sistema educativo e do sistema desportivo, institucionalizados em Portugal nas respectivas Leis de Bases fazem-nos elogiar ainda mais as artes marciais e desportos de combate como o Karaté.

O projecto Karaté, como actividade de desenvolvimento pessoal, assenta numa visão integrada de ser humano: ser bio-psico-sócio-axiológico.

A componente axiológica, preocupada com o desenvolvimento dos valores, emerge como uma das mais pertinentes na vida social.

Nada de mais actual que os adágios colocados por Jigoro Kano (1860-1938) no desenvolvimento do Judo como Budo:

精力善用

*Seiryoku Zenyo* - Máxima eficácia.

自他共榮

*Jita kyoei* - Benefícios Mútuos.

Assim, falar hoje de Karaté é falar de um Desporto que, envolvendo as dimensões cinética (movimento), lúdica (prazer), agonística (superação ao nível da auto-emulação e hetero-emulação) e institucional (regulamentação / organização), projecta intencionalmente um sentido de desenvolvimento pessoal estrategicamente formulados através da procura de aumentar a eficácia na resolução de situações características sempre com respeito pelos benefícios mútuos que tal deve permitir.

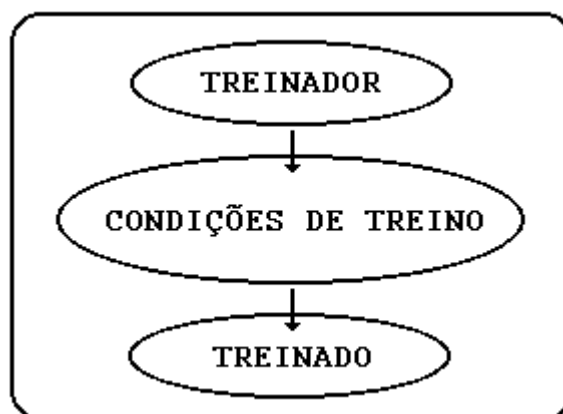
Neste pano de fundo, o agente gestor das situações de prática emerge como agente essencial.

## VII - O "Saber" do Treinador de Karaté

O ensino e treino de Karaté, como de qualquer arte marcial ou desporto de combate, só se inscreve no âmbito de uma actividade educativa actual quando obedece a características como: *intencionalidade, previsibilidade, controlo e eficácia*.

Três factores essenciais podem ser identificados no processo de ensino e treino de Karaté:

- O gestor do processo de transformação;
- O sujeito de transformação;
- As condições influenciadoras.



A sociedade Pós-Moderna preocupa-se cada vez mais com a qualidade do ensino e treino promovida nos *dojo*. Requerem para isso uma certa seriedade na função de agente gestor de ensino e treino de artes marciais e de desportos de combate, ou seja, requerem um certo profissionalismo (autoridade e responsabilidade).

Os atributos de uma profissão, encerram, na generalidade, as seguintes questões:

- Autoridade profissional resultante de um "diferencial de capacidade" que é aceite e se estabelece entre o elemento da profissão e os restantes cidadãos;
- Reconhecimento social da actividade, que leva os membros da sociedade a aceitar a competência destes especialistas e a sua diferença face a outras áreas do saber;
- Um código de ética profissional;
- Conjunto de conhecimentos estruturados.

No Karaté, o problema não se pode colocar externamente, já que o bom técnico de Karaté (o Mestre) é, de certa forma, reconhecido socialmente, assentando esse reconhecimento na autoridade profissional resultante principalmente dos seus conhecimentos "técnicos" de Karaté. A evidência mais clara prende-se com o facto de ser das poucas modalidades desportivas cujo ensino mesmo nos escalões mais baixos tem sido profissionalizado<sup>17</sup>.

O estatuto de graduado (cinto negro) é um estatuto que tem algum reconhecimento social, assente principalmente no "saber técnico" (que é desconhecido para os não graduados).

---

<sup>17</sup>Dada a sua forma de organização, a maioria dos clubes de Karaté cobram cotas aos praticantes, sendo a grande percentagem dessas cotas revertente para o ou os técnico(s) responsável(eis). Mesmo os exames de graduação, pelo elo estabelecido entre o graduado e o graduante, costuma ser pago. O Karaté tem, pois, sido um serviço profissionalizado, mesmo sem que exista em alguns países uma preocupação profunda do controlo da formação dos agentes de ensino-treino. O controlo tem sido feito pelo mercado (a população praticante) que, pela sua ignorância sobre o assunto, corre sempre o risco de não perceber o nível do serviço que compra.

No Karaté Pós-Moderno o Mestre ou o Treinador é um especialista culto, ou seja é um indivíduo que ajuda a transformar a qualidade de vida de outros indivíduos utilizando para isso todos os meios ao seu alcance (predominantemente o Karaté restritamente pensado).

Os treinadores, na gestão do treino, e a um nível micro, têm várias competências. De uma maneira geral eles têm que escolher, identificar e definir as tarefas que os alunos deverão realizar; têm que as aplicar e controlar/avaliar, em função dos objectivos e metas antecipadamente propostos para aqueles alunos, naquele tempo e espaço organizacional característicos.

Paralelamente a este nível micro (*dojo*), existem mais dois níveis de intervenção de âmbito nacional que não poderemos ignorar: um nível institucional, onde temos como função técnica a gestão do clube, associação e federação; e um nível mega-macro onde colocamos a gestão federativa e desportiva geral (política e técnica nos Ministérios de cada país).

Mas toda a prática de gestão do treino é sustentada por uma intenção, um projecto que lhe dá significado concreto. Esse projecto integra, certamente, referências a vários pontos de vista: filosófico e pedagógico; conteúdos curriculares; organização das experiências de aprendizagem; métodos de ensino e treino; e ainda aos critérios de avaliação. Estes referenciais confluem naquilo que se denominará como *concepção de Karaté*.

Na nossa opinião é uma determinada concepção do processo de aprendizagem de Karaté que tem marcado profundamente a concepção de treinador da modalidade.

A concepção dominante do processo de aprendizagem tem a ver com a própria concepção de Homem característica de uma determinada sociedade, e esta, como temos vindo a perceber, principalmente no ocidente, está profundamente marcada pelo denominado paradigma cartesiano, com predomínio para a concepção dualista corpo - mente, em relação profunda com o código oculto da civilização industrial, levando à visão reducionista das técnicas corporais de Karaté que foi a base conceptual do seu ensino.

Na verdade a concepção de fundo que até agora tem imperado, assenta linearmente na técnica, no "truque" de Karaté em si mesmo. Quem domina esses truques é o "mestre" que vai gerindo a sua transmissão. Nesta concepção, evidencia-se que a "técnica" é, para o ensino do Karaté, mais importante que o indivíduo, já que não se faz a gestão de variáveis humanas mas sim a gestão de variáveis "técnicas" transmitidas pelo "mestre", sendo sempre o mais graduado aquele que domina melhor "mais técnicas"<sup>18</sup>.

Se no início do desenvolvimento da modalidade este reducionismo era evidenciado pelo predomínio do empirismo característico da sua actividade, no ocidente as tentativas de "cientificar" o ensino do Karaté têm sido exploradas sempre na base do reducionismo referido, sem fazerem o verdadeiro corte com essa visão parcial e redutiva do protagonista da prática do Karaté<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup>Por exemplo: quanto maior a graduação, maior o número de Katas a executar. No entanto o nível de execução, o nível de sensibilidade demonstrada, difíceis de objectivar, continuam a ser factores predominantes na avaliação de certos mestres para as graduações.

<sup>19</sup>Esta atitude não é exclusiva do Karaté ou de outros desportos de combate orientais, mas sim de todo o desporto, já que é reflexo de uma determinada cultura.

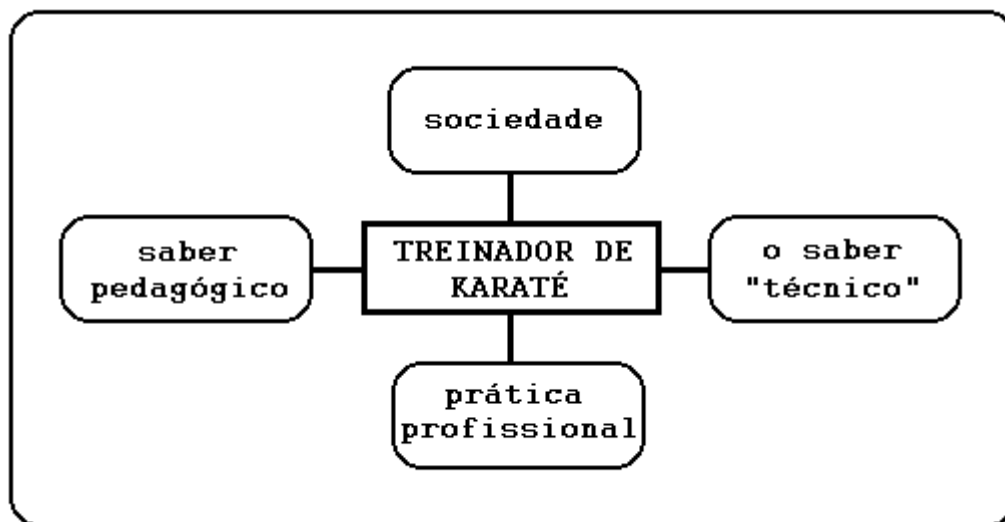
É assim que se entende a maioria dos livros e das sistematizações feitas no Karaté. Partem das técnicas existentes para os praticantes, e poucas abordagens procuram encontrar princípios e dimensões de gestão do ensino do Karaté. E, traição maior, este movimento tem influenciado também a própria visão nipônica, com raras exceções conhecidas<sup>20</sup>.

Para dar um exemplo esclarecedor, voltamos ao problema da graduação que, de uma relação entre *mestre* e *discípulo* passou a um exame do "saber antológico" demonstrado pelos praticantes. Por outro lado não se desenvolveram os instrumentos de avaliação desse referido saber, pelo que surgem situações de contradição que, a curto termo levarão, cada vez mais, ao descrédito e consequente desvalorização da graduação.

As más tentativas académicas de "cientificar" a problemática do ensino de Karaté construíram o espaço propício para se instalar uma falsa ideia:

**"Quem sabe faz, quem não sabe ensina".**

Se por um lado se relevava que o que era importante no ensino de Karaté era o domínio "técnico" da matéria Karaté propriamente dita, sendo secundário o domínio dos conteúdos que rendibilizassem o ensino e treino dos indivíduos na modalidade, levando a inferir que um bom praticante seria a base de um bom treinador, foi-se notando que nem todos tinham "jeito" para o ensino de Karaté. Esta constatação foi também levando alguns a separar dois aspectos de uma actividade social como a de treinador de Karaté: por um lado o saber fazer Karaté, por outro o saber ensinar a fazer Karaté.



O que nos parece essencial de retirar desta problemática, e que nas Artes Marciais é problemática de profundas discussões, é que o "saber" e o "fazer" do praticante são diferentes do "saber" e "fazer" do treinador. Em ambos aplica-se o pensamento Zen: "saber e não fazer... ainda não é saber".

---

<sup>20</sup>A maioria das exceções permanecem no silêncio, sem procurar de forma agressiva a promoção social conseguida pela sua divulgação nos órgãos normais de comunicação.

## VIII - As Competências do Treinador de Karaté

No último capítulo terminámos a evidenciar que a função de gestor do ensino e treino de artes marciais ou desportos de combate como o Karaté encerrava um saber integrador de um saber "técnico" (saber a matéria de ensino que é o Karaté) e de um saber pedagógico (saber gerir as situações que permitem ensinar e treinar o Karaté).

Até agora a afirmação da prática profissional de treinador de Karaté (Mestre, Professor, etc.) tem-se feito pelo "saber técnico" (aquilo que é ignorado pelo senso comum e que tem marcado com exclusividade o "diferencial de capacidade"). O futuro, no entanto, lança o desafio de que a relação desse profissional com a sociedade se deve estabelecer com base noutra dimensão importantíssima da sua função: o saber pedagógico, de forma a se obter o que é costume referenciarmos como **saber técnico-pedagógico**.

Na verdade, cada vez menos é a exclusividade do saber "técnico" obtido empiricamente com os anos de prática de Karaté que irá dando a autoridade profissional. A massificação do Karaté e, principalmente, o alargamento do seu ensino aos escalões mais baixos, obrigam a sociedade a reconhecer essa função apenas a quem tenha uma preparação técnico-pedagógica idónea. A preparação dos treinadores para a intervenção com as crianças, ao contrário do que se usa fazer<sup>21</sup>, deve ser profunda e estrategicamente cuidada.

Em simultâneo, o desenvolvimento institucional das competições de Karaté (campeonatos que vão do regional ao mundial) levará, cada vez mais, à rentabilização dos investimentos feitos para um determinado produto: vitória.

Esta rentabilização integra a visão micro do treino em si mesmo e a visão macro das opções federativas e institucionais numa visão de entre dois: a importante gestão técnica da instituição de intervenção (clube, escola, etc.) em si mesmo. Surge, pois, a tendência crescente para a gestão autónoma do processo desportivo, em simultâneo com o desenvolvimento de competências para o trabalho em equipa. Agrupam-se estas competências numa componente designada **organizacional**.

O perigo pernicioso que se abate sobre o Karaté, como sobre qualquer prática desportiva actual é o perigo da "metáfora produtivista". Esta metáfora tem sido muito comum no Desporto, o que a par com uma certa concepção behaviorista e comportamentalista do ensino da Educação Física na escola explica o facto de que tem havido um muito maior trânsito das aquisições da investigação no domínio do Desporto para o da Educação Física<sup>22</sup> do que o inverso. Uma concepção produtivista encontra como verdadeiro terreno fértil um determinado conceito de Desporto, tal como uma concepção funcionalista encontrará como terreno fértil um determinado conceito de Escola.

---

<sup>21</sup>Visão profundamente fundamentada no empiricismo reducionista baseado na autoridade técnica perante o praticante, já que uma criança terá menor capacidade de discernimento entre um bom ensino e treino e um mau.

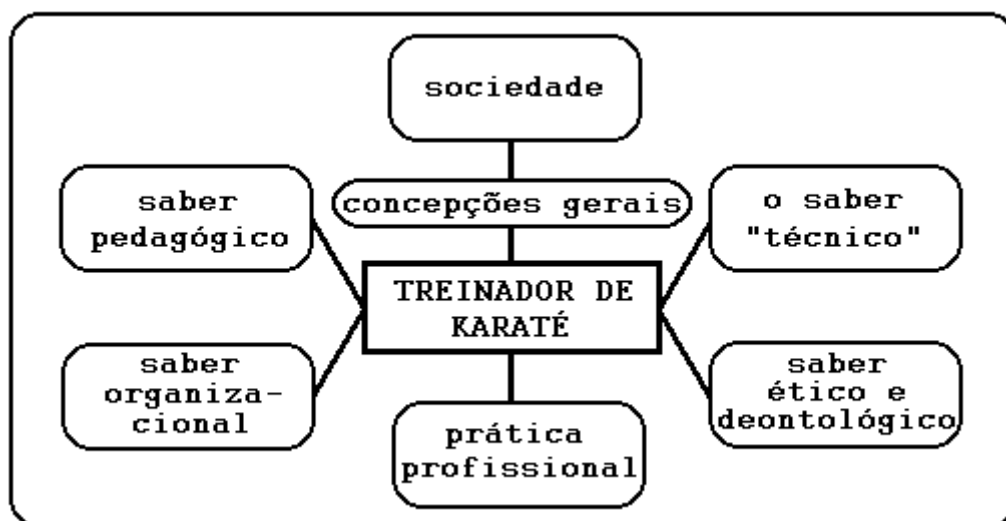
<sup>22</sup>Educação Física que, por estar na Escola, sempre esteve mais protegida da referida metáfora produtivista. Queremos aqui evidenciar o que nos parece ser um conflito entre o universo "pedagogo" da Educação Física e o universo "produtivista" do desporto. Claro se torna que a verdadeira questão se refere ao paradigma de enquadramento das funções das actividades desportivas (talvez mais correcto: actividades do domínio da ludomotricidade - SÉRGIO, 1987) no clube ou na escola.



Corre-se, pois, o risco de perder de vista a função instrumental do desporto ao serviço do desenvolvimento humano, caindo na visão instrumental do indivíduo ao serviço dos interesses institucionais (públicos ou privados).

Surge então a componente **ética e deontológica** como componente mediadora da coerência entre a concepção e função desenvolvimentista da prática desportiva canalizada pela sua prática profissional.

Assim, já não se procura a diferenciabilidade clara apenas entre o conteúdo técnico do agente de aprendizagem (Karateca-aluno) e o conteúdo técnico do agente de ensino (Karateca-treinador): os dois saberes, como clarificámos, são encarados como perfeitamente diferentes. Outras funções vão sendo identificadas como funções integradas na função técnica do treinador<sup>23</sup>. Só o **especialista culto** conseguirá ter maior segurança na gestão das variáveis inerentes ao processo de ensino/treino desportivo.



Hoje, a questão essencial surge com a identificação da direcção do enquadramento conceptual que está por detrás dessa função técnica. Como já se referiu, há toda uma procura de cientificidade em torno de uma concepção que faz o elogio da função de treinador "técnico-produtivo" (FORMOSINHO, 1992), onde o saber é redutivamente instrumental.

O verdadeiro debate actual do treino desportivo centra-se na definição dos problemas da investigação e não, exclusivamente nos aspectos metodológicos do treino. Aqui, o pensamento crítico ficaria reduzido à reflexão sobre a escolha dos melhores meios para atingir objectivos pré-estabelecidos (POPKEWITZ, 1990 *in*: NÓVOA, 1991, p. 65).

Os treinadores, cada vez mais, farão uma crítica constante à coerência entre os modos de produção e o produto por si objectivados. Evidencia-se então a necessidade

<sup>23</sup>Consideramos mesmo que a separação entre conhecimento "técnico", "pedagógico", "organizacional" e "ético" (etc.) do gestor de ensino de Karaté é apenas utilitária para a conclusão da sua unicidade imprescindível. No entanto, por vezes, apegamo-nos ao formal, esquecendo o conteúdo. Quando pensamos na função *técnica* do treinador, estão implícitas todas as dimensões de conhecimento importantes para a realização plena dessa função. Mais uma vez, é o elogio concreto do paradigma holístico emergente de uma nova concepção de Homem em desenvolvimento.

de uma *gestão do processo*, de uma verdadeira *gestão da situação*, de forma a favorecer os atributos da sua profissão. Essa *situação* tem muito de *imprevisível*, pelo que, cada vez mais o treinador é um gestor do imprevisível.

Elogia-se o esbatimento da exclusividade redutiva da dimensão "técnica" na função do treinador, para se irem reforçando as dimensões reflexivas nas profissões do Desporto. Trata-se de integrar a dimensão reflexiva na função técnica do treinador, o que a situa de outra forma, orientando-a para outros conteúdos, evidenciando as novas competências já referidas.

Estas novas competências não se adquirem em salas de aula de uma acção de formação ou em práticas rotineiras. A forma como se desenvolvem baseia-se numa formação em que exista sempre um acompanhamento orientador da prática reestruturada, reestruturante e reestruturadora.

Não basta ligar com alguma coerência conteúdos disciplinares num "currículo" fechado. É essencial criar, dentro desse currículo, espaços de rotura real, espaços de prática orientada, o que tem faltado em toda a formação de treinadores protagonizada pelas federações, e já não falta na formação protagonizada pelo ensino superior (Estágio).

Assim, mais evidente se vai tornando o facto de que uma intervenção no treino, coerente com a pós-modernidade, encerra a autonomia para a construção de um *projecto*. Na realidade, a sua construção deve ser sempre o ponto de partida e de chegada na formação de treinadores.

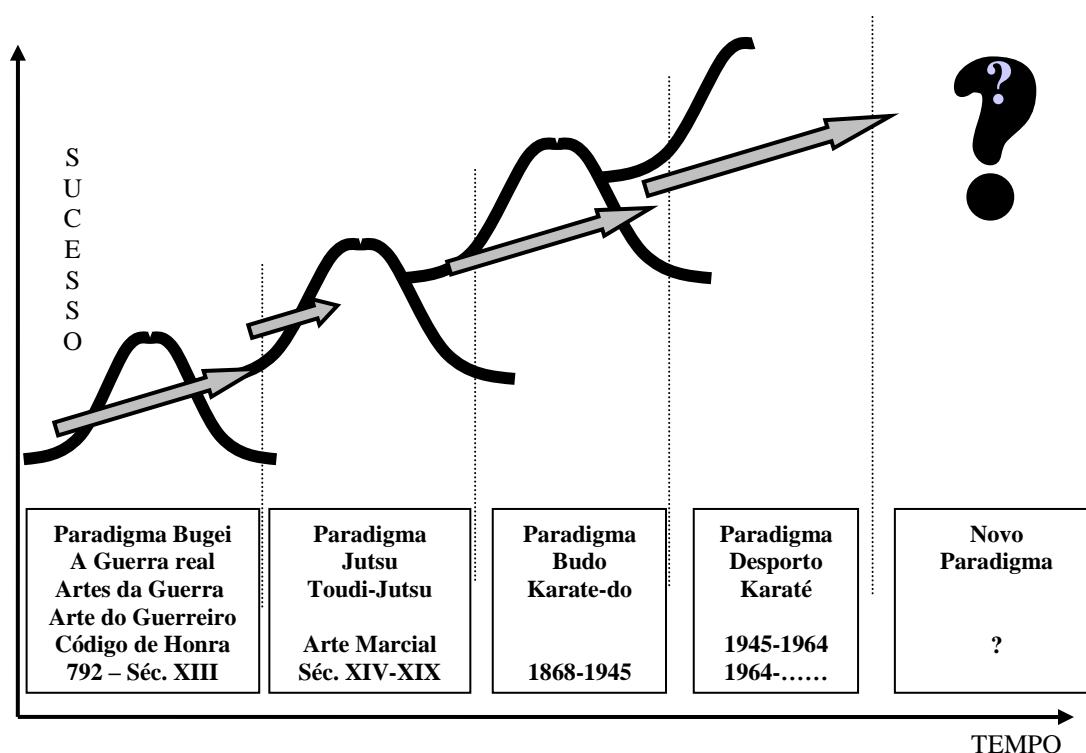
Já não se trata apenas de derrocar a função do treinador como "artista", ou mesmo "trabalhador especializado", mas sim dar o salto importantíssimo para uma verdadeira *visão profissional* da carreira de treinador numa dimensão que ultrapassa a visão técnico-profissional mas integra-a com a visão crítico-reflexiva, o que passa, evidentemente, pelo sério enquadramento da sua formação.

## IX – Das virtudes às perversidades do desporto

O desporto foi acompanhando o processo civilizacional, evoluindo de paradigma em paradigma, sendo anteriormente a referência Pierre de Coubertin – “*Não interessa ganhar ou perder, o que interessa é participar!*” – para actualmente a referência ser Vince Lombardi – “*Ganhar não é o mais importante, é a única coisa que importa!*” – o que nos revela o **carácter bivalente do desporto**.

Rubio (2006) refere que na Antiguidade, quando o atleta competia, a sua busca pela vitória não estava fundamentada na derrota do adversário mas sim na superação dos seus próprios limites, pelo que a vitória era uma decorrência do próprio processo desportivo, enquanto nos dias de hoje a vitória, e não a participação, é o valor supremo da competição desportiva, dado que a essa vitória estão associados o reconhecimento social, o dinheiro e o desejo de permanência, levando ao menosprezo de qualquer outro resultado – não é pois por acaso que o segundo lugar é o primeiro dos últimos....

Também as artes marciais japonesas e o Karaté em particular evoluíram através de vários paradigmas. Até ao século XIII podemos identificar o paradigma Bugei, do século XIV ao século XIX podemos relacionar as artes marciais com o paradigma Jutsu, de 1868 até 1945 temos o paradigma Budo, vingando o paradigma do Karate-Do até 1964, com a fundação da Federação Japonesa de Karaté, passando por 1957 com a primeira competição formal da JKA (Shoto). Encontramo-nos então em pleno paradigma do Karaté como desporto, sendo os primeiros campeonatos europeus realizados no ano de 1966 em Paris, coincidindo com a formação da EKU (European Karate-do Union), fundando-se a WUKO (World Union of Karate-do Organization) em 1970, ano em que se disputam os primeiros mundiais em Tóquio. E de paradigma em paradigma, o caminho aponta para um novo futuro...



Como já referimos, não tem sentido, actualmente, o conflito teórico entre “artes marciais” e “desportos de combate”, também porque o contexto histórico, social e cultural em que proliferaram as primeiras, é completamente diferente daquele em que se desenvolveram os segundos.

E em relação ao que não se conhece, mas que por vezes julgamos conhecer, de que falamos quando falamos de desporto?

O **desporto moderno** (desenvolvido por clubes e federações, possuindo regulamentos e códigos e tendo como valores o jogo limpo, a lealdade, o cavalheirismo, o *fair play* e o respeito pelo adversário), que poderemos considerar como concebido pelos ingleses no século XIX, representa um salto em relação às origens do desporto, nomeadamente no que diz respeito à codificação de regras – a regra funda o desporto (Queval, 2004) –, à sua organização e à institucionalização.

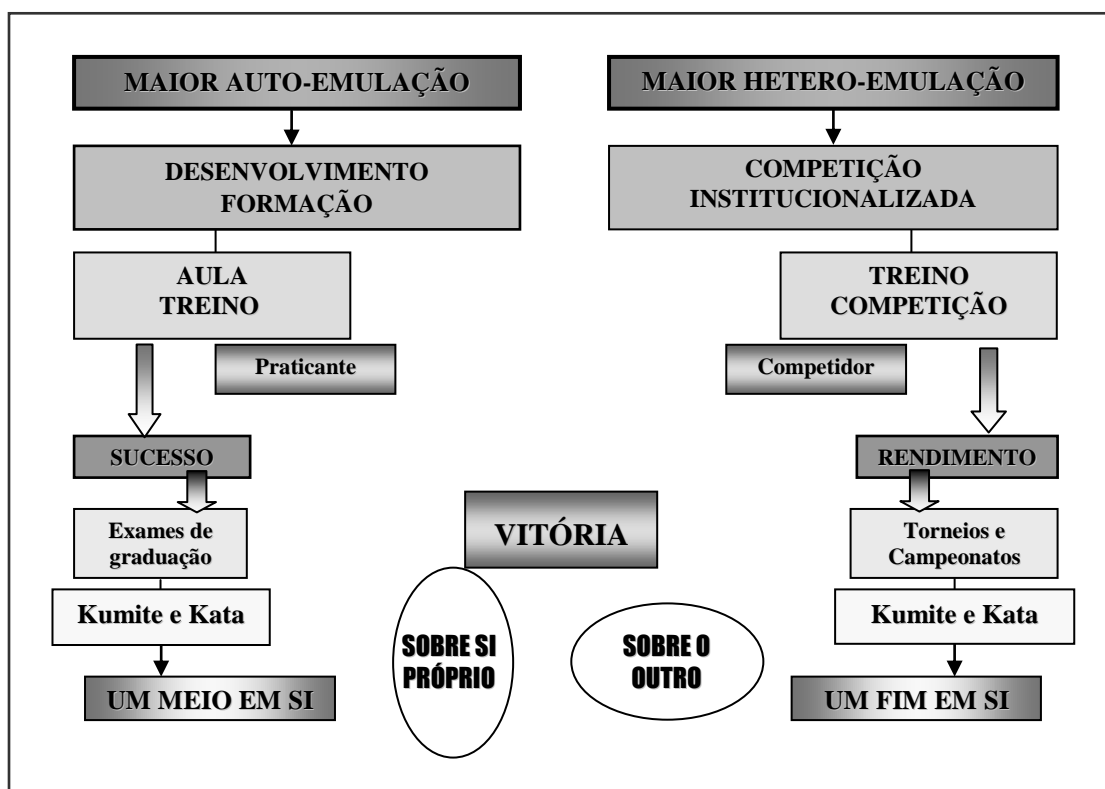
A mudança de paradigma civilizacional irá dar origem a um desporto contemporâneo, que possui todas as características do desporto moderno, sendo estas acrescidas de exigências sistemáticas de espectáculo, de interacção com a política e com a economia, da presença do negócio, da técnica, da ciência e do profissionalismo.

Cagigal (1990) aponta duas direcções para o **desporto contemporâneo**: de um lado o **desporto espectáculo** (alta competição, rendimento, movido pelos *media*, com tendência para o profissionalismo, que exige sensacionalismo e heróis, sendo determinado pela ciência e pela tecnologia), cujas exigências provêm da sociedade, do desenvolvimento, do consumo e do exibicionismo político e lhe atribuem um papel apelativo e excessivamente transcendentalizado. Do outro lado um **desporto praxis** (prática consciente e equilibrada para as pessoas comuns, praticada livremente em qualquer espaço, aberto a todos e sem fins competitivos), próximo de um desporto inicial, “*originado num simples jogo competitivo de esforço físico, tendo alcançado relevância higiénica, biológica, educativa, humanística, sócio dinâmica, e que hoje vai aparecendo nas preocupações conscientes do homem como realidade que há que integrar nos hábitos de vida*” (*ibidem*, p. 11).

Referindo como suficientes três dimensões conceptuais para definir o desporto, Caillat (2005) revela-nos **uma situação motora competitiva** (competições a todos os níveis designando vencedores e vencidos), **uma actividade codificada** (com regras e regulamentos) e **um sistema institucionalizado** (organizado em torno de federações), para mais à frente nos dizer que “*o carteiro fazendo o seu giro de bicicleta ou os amigos que se encontram para correr à beira-mar não fazem desporto*” (*ibidem*, p. 9), o que vem ao encontro de Sarmento (2004, p. 139), quando afirma que “*um indivíduo que num lago passeia de barco não faz desporto. Um indivíduo que entra numa regata faz desporto*”.

Assim, parece-nos que, existindo um certo consenso entre os especialistas na matéria, praticamos actualmente um desporto de combate e não uma arte marcial.

E tendo em conta que a actual Lei de Bases procura diferenciar actividade física e desporto, estando a primeira próxima de um desporto *praxis*, designaremos esta como actividade físico-motora, tendo em conta o conceito de motricidade – “*energia para o movimento intencional da superação (ou da transcendência)*” de que nos fala Manuel Sérgio (2003, p. 70) –, na tentativa de melhor caracterizarmos o Karaté contemporâneo, dado ser uma modalidade praticada por competidores – aqueles que se dedicam à competição institucionalizada – e por praticantes que, embora não aderindo a esses objectivos de competição centrada na hetero-emulação, praticam esta modalidade desportiva independentemente da sua idade, numa auto-emulação pessoal.



Configurando-se o Olimpismo como um dos actuais paradigmas do Karatê, há que ter em conta que, para os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, o COI eliminou o requisito que exigia que todos os concorrentes fossem amadores, verificando-se assim cada vez mais uma maior penetração da esfera económica no desporto, sendo este encarado actualmente como uma profissão (e não só em termos de atletas ou jogadores) – o que nos pode levar a curto prazo a termos atletas profissionalizados.

Até já temos atletas portugueses que representam equipas espanholas noutros países da Europa – é a era da globalização...

O Olimpismo consolidará o Kata e o Kumite, não como um meio (como acontece na superação e no sucesso individual) para aperfeiçoar o carácter do praticante, mas como um fim para alcançar uma vitória que trará recompensas económicas e o aumento do *status* social do competidor (o que acontece na competição).

Ora, a profissionalização do desporto mostra-nos também a passagem da vitória como um meio para a vitória como um fim, não tendo esta última o mesmo sentido nem o mesmo preço que a primeira, já que da vitória sobre si mesmo (tradicional no sucesso, na superação individual) se passou para a vitória sobre o outro (típica da competição, na superação do outro).

E em relação à participação competitiva, “*ganhar ou perder é igual? É óbvio que não!*” (ARAÚJO, 2006, p. 20).

Ninguém compete para perder (SARMENTO, 2004) e quando o que está em causa é a vitória temos de reconhecer que o espírito desportivo actual não pode ser o mesmo de antigamente.

Apesar de ainda continuar arreigado entre nós o mito do *fair play* no desporto, Bento (2004, p. 93) pergunta-nos se poderá ele “*ser hoje o princípio moral mais importante do desporto quando o não é da sociedade?*”. Hoje, a resposta provável será negativa. Até porque Bourdieu (2003, p. 186) diz-nos que “*o fair play é a maneira de jogar o jogo dos que se não deixam tomar pelo jogo a ponto de se esquecerem que se trata de um jogo*”.

Hoje o jogo já não é só o «jogo pelo jogo», pois o desporto representa o modo de auferir um salário (ou ainda somente um prémio, monetário ou não!), uma maneira de se ser reconhecido e um meio para se obter benefícios, pelo que o desporto exige, pressiona e impõe como único objectivo atingir o melhor resultado, o recorde, a vitória... E o desporto representa também uma maneira de publicitar e vender mais...

Mas enveredando o Karaté por este caminho – um caminho percorrido pelo não-amadorismo, pelo espectáculo e pelo alto rendimento –, não estará o Karaté a dirigir-se rumo a um aumento das perversidades no seu interior (INOCENTES, 2007)?

Teremos então mais uma modalidade desportiva a apresentar-nos as **virtudes** e as **perversidades**<sup>24</sup> do desporto, o que nos conduz à bivalência do desporto (INOCENTES, 2006).

O ano de 2004 foi eleito o Ano Europeu para a Educação pelo Desporto pelo Parlamento Europeu, enquanto o ano de 2005 foi considerado o Ano Internacional do Desporto e da Educação Física pela Organização das Nações Unidas, o que demonstra que as virtudes estão potencialmente presentes no desporto, podendo este ser um meio de cultivar valores, de formar o carácter do indivíduo e de incutir neste princípios morais, sendo assim um meio de educação.

Mas a outra face do desporto apresenta-nos a **violência, o doping, a corrupção, a fraude desportiva, a morte em competição (morte súbita e morte por acidente), a morbilidade (lesões vitalícias), a exploração infantil e o treino intensivo precoce**, assim como a ingerência da **política** e da **religião** no próprio desporto, começando a despontar no mesmo casos de **racismo** e até de **terrorismo**.

Smith (1983) refere que se tem aceite muito daquilo a que se pode chamar **violência** como fazendo parte do jogo, e Irlinger (1993) classifica três categorias de ideais desportivos:

- 1ª) os puristas, que recusam sem reservas a violência no desporto;
- 2ª) os iconoclastas, que aceitam a violência como normal e fazendo parte do desporto;
- 3ª) por último, os realistas, que desaprovam a violência no desporto embora pensem que ela é inevitável.

---

<sup>24</sup> Convém distinguir perversão de perversidade. Gauquelin e Gauquelin (1987) afirmam que estas duas palavras designam uma anomalia no comportamento, mas é preciso não as confundir porque não têm o mesmo sentido: “*A perversão designa o desvio de uma tendência fisiológica natural. Falamos de perversão sexual quando a sexualidade se desvia do seu curso normal(...). A perversidade é mais intelectualizada: supõe uma recusa dos valores morais*”. E para o termo «perversidade», estes autores avançam ainda com a definição de “*atitude associal, malícia daquele que prefere sistematicamente o mal ao bem*”, acrescentando que a perversidade pode não ser senão episódica e que esta se define em relação a uma norma social conhecida.

Segundo Gutiérrez Sanmartín (1995), há duas razões para a existência da violência no desporto:

- 1ª) uma parte importante da violência é inerente a todo o desporto de contacto;
- 2ª) certas práticas agressivas, embora ilegais aos olhos da lei que rege o desporto, chegam a ser toleradas como algo que faz parte do jogo.

Até à década de 70 fez escola a perspectiva catártica, defendendo que o desporto propicia aos jovens uma forma de eles aprenderem a controlar a agressividade e as emoções, produto da divulgação de autores conhecidos, tais como Sigmund Freud – o fundador da psicanálise –, Konrad Lorenz e Bertrand Russel – ambos galardoados com o prémio Nobel –, e Desmond Morris, autor de obras muito conhecidas, tais como “O Macaco Nu” e “A Tribo do Futebol”.

Posteriormente, a investigação científica, segundo uma perspectiva pragmática, mostra-nos que o desporto ensina e promove a agressividade, reforçando-a, em oposição ao controlo da mesma.

A violência no desporto não é mais do que o reflexo da violência na própria sociedade, até porque, da caça ao desporto moderno, do *Australopithecus* ao *Homo Sapiens*, passando por Roma e Atenas, duas componentes há que têm estado sempre presentes ao longo da filogénese humana: a competição e a violência (INOCENTES, 2006).

É conhecido o que aconteceu com Dominique Valera, em Long Beach, nos campeonatos mundiais de 1975, ao ter de ser algemado pela própria polícia ainda dentro do pavilhão – descontente com a arbitragem, violenta primeiro o adversário, depois o árbitro e tenta ainda o mesmo com um outro juiz ...

A violência também se encontra presente no Karaté tanto nas bancadas como no *tatami*. Em termos de público, em 1999, no campeonato de Alvaiázere, assistimos a uma manifestação hostil por parte de um grupo de espectadores afecto a uma associação com ameaças físicas e intenção de as levar à prática. No campeonato regional nos Açores, em 2001, as agressões a um oficial de mesa custaram as suspensões por seis anos a um treinador, por três anos a uma atleta e ainda por seis meses a uma outra atleta. Nos campeonatos nacionais de 2005 e de 2006 foram frequentes os insultos aos árbitros por parte de alguns elementos que presenciavam as competições, assim como até a exigência de explicações aos próprios árbitros.

O que justifica o descontrole de um atleta e que o leva a pôr em risco a integridade física de um outro seu colega, embora adversário? Tomemos como ponto de reflexão o acontecido no último campeonato nacional da FNK-P em Almada... onde um atleta, em plena competição, violenta fisicamente o seu opositor. Parafraseando Ortega y Gasset, poderíamos dizer que “o maior crime está agora, não nos que violentam, mas nos que não violentam mas deixam violentar”.

De facto, Nosanchuck (1981), Trulson (1986) e Wacquant (1995), citados por Coakley (1998), estudando praticantes de Taekwon-Do, Karaté e Boxe concluíram que a participação em desportos de combate pode ajudar os indivíduos a controlarem a sua agressividade. Mas este controle depende das condições sob as quais decorre essa prática desportiva... porque também concluíram que os resultados só são visíveis quando o treino promove valores (autocontrole, perseverança, responsabilidade, honra) e é associado a uma auto-reflexão combinada com noções filosóficas.

O Karaté, uma modalidade que inclusivamente possui um código de ética emanado da FMK, já apresenta no seu seio os primeiros casos de **doping**: a 20 de

Setembro de 1999, o jornal «Record» noticia que as análises a Otis Ntisame, atleta da equipa sul-africana de Karaté nos Jogos Sul-Africanos, revelaram a utilização de estimulantes proibidos. Já em 1997 Djamel Bouras tinha cumprido suspensão, aplicada pela FIJ, por uso de nandrolona durante o campeonato mundial de Judo. Em 2006 voltamos a ter conhecimento de uma situação semelhante, de novo no Karaté, na Roménia.

No doping, o atleta violenta a sua própria dignidade, viola o seu corpo e adultera a verdade desportiva (Inocentes, 2002). E isto acontece porque a descoberta de novos fármacos anda sempre mais adiantada que o trabalho de detecção dos próprios laboratórios, não sendo preventiva a existência de punição, pois sempre que se tem um produto que pode ser detectado logo surge outro mais avançado (LJUNGQUIST, 1998).

A **corrupção** normalmente garante evidentes vantagens, tanto para os corruptores como para os corrompidos, mas nunca as garante para quem os denuncia. A comunicação social apresentou-nos o caso de Marius Vizer, presidente do clube romeno Liberty Oradea, que passou um cheque de 3.000 marcos à tripla de arbitragem que dirigiu a final da Taça dos Campeões Europeus de Judo por equipas em 1999 (os romenos sagraram-se como novos campeões europeus frente ao Taifu da Ucrânia), facto denunciado pelo então presidente da União Europeia de Judo. Actualmente é Presidente da União Europeia de Judo e Vice-Presidente da Federação Internacional de Judo.

No Taekwon-Do, Un Yong Kim, Vice-Presidente do Comité Olímpico Internacional, em 2004, acusado de corrupção... e detido posteriormente.

No Sumo, na década de 90, dois lutadores propuseram-se dar uma conferência de imprensa para denunciar casos graves existentes nesta modalidade. Curiosamente, pouco antes da conferência, em Tóquio, os dois deram entrada no mesmo hospital e morreram com diferença de horas, padecendo ambos de uma doença respiratória semelhante...

Desde o atirador que tinha um botão instalado no punho do seu florete para, ao ser accionado, fazer acender a luz do marcador (Boris Onischenko, J. O. de Montreal, 1976), ao nadador que deixou que lhe injectassem ar no recto para aumentar o seu coeficiente de flutuabilidade (PERSONNE, 1987) – na antiga RDA, nos anos 80 e 90, imensas vezes foi injectada determinada quantidade de hélio no intestino grosso de vários nadadores (MELO & AZEVEDO, 2004) –, ou ainda à atleta que ganhou a maratona de Boston em 1980, Rosie Ruiz, sem ter alinhado à partida, vários são os casos de **fraude** que se verificam no desporto. No Mundial de Judo de 2003, os adversários do japonês Yoshihiro Akiyama queixaram-se de não conseguirem efectuar as pegadas nos combates que efectuaram com o mesmo, dado que o seu quimono se encontrava impregnado com algo que o tornava escorregadio – o que configurava uma situação de fraude desportiva.

Mais vezes do que julgamos, e por vezes indetectável, a fraude também invade o desporto. E quando detectada nem sempre esse facto chega ao conhecimento do público em geral... E se a fraude é o anti-desportivismo no seu estado mais puro, pois pretende iludir os atletas, os juizes, o público, o resultado e a própria verdade desportiva (INOCENTES, 2002), não é conveniente – para o seu autor ou autores – ser detectada, nem é conveniente que chegue ao conhecimento do mais comum dos mortais...



Entre os dois casos de **morte súbita** mais mediatizados em Portugal – 1973 com a morte em pleno jogo de Pavão, do F. C. do Porto, e em 2004 o falecimento de Fehér, do Benfica, também em pleno relvado – faleceram em plena prática desportiva pelo menos 21 atletas (e são só os casos que conhecemos) no nosso país: futebol (15), basquetebol (3) e ciclismo (3) foram as modalidades atingidas. A nossa modalidade também foi atingida em 2002: Michael Milon, francês, praticante de Karaté, especialista em Kata, três vezes campeão do mundo, quatro vezes campeão da Europa individual e seis vezes por equipa, vencedor de três taças do mundo, falece aos 30 anos, vítima de paragem cardíaca, em Paris.

E mesmo sem abordarmos o pugilismo (entre 1945 e 1995 o boxe produziu a morte de cerca de 500 pugilistas!), temos no entanto de realçar que no Karaté, em 1998, o russo Said Isayev, de 20 anos, no Taekwon-Do, em 1999, o dinamarquês Michael Anderson, de 25 anos e no Kick Boxing, em 2001, o checo Zdenek Vebejda, de 19 anos, encontraram a morte devido a graves lesões contraídas nos combates que tinham acabado de disputar – **mortes por acidente**, em actividades onde o **risco** é inerente à prática.

Em relação à **morbilidade** (lesões vitalícias) no desporto, já em 1983 a American Academy of Physical Education, afirmava que pouco existia de conclusivo no meio científico a respeito da actividade física produzindo saúde (CARVALHO, 2004), O desporto dá saúde? A esta pergunta responde-nos Manuel Sérgio (2003, p. 12): *“ninguém faz este desporto para ter saúde; fá-lo porque tem saúde”*. Bento (2004, p. 128) chega ao ponto de afirmar que *“o alto rendimento não se inspira na ideia de fomentar a saúde; mas isso não o autoriza a atentar deliberadamente contra ela”*.

Em 1998, nos Jogos da Boa Vontade, Sang Lan, ginasta chinesa de 17 anos, efectuava o aquecimento para a prova de salto de cavalo, quando perdeu o controlo do seu salto no ar e bateu com a cabeça no solo fracturando duas vértebras cervicais e ficando paraplégica.

Em 2002, o chileno Charles Manosalva, de 16 anos, praticante de salto à vara, ficou inválido ao fracturar a coluna quando participava num torneio escolar.

Em Janeiro de 2005, Tiago Sousa, atleta de *tumbling* do Lisboa Ginásio Clube, de 20 anos, contrai uma lesão na coluna durante um treino ficando paraplégico.

Se tivermos em conta o número de desportistas acidentados, teremos como mais perigoso o basquetebol, seguido pelo andebol, atletismo, rugby, judo e taekwon-do.

Numa pesquisa realizada entre 92 e 95 nos EUA, envolvendo 680 mil atletas, os desportos que mais lesões graves causam durante um ano são a luta livre (38,2%), seguida do voleibol (29,9%), da ginástica (20,6%), do basquetebol (19,2%), do futebol (13,8%), do atletismo (7,2%), da natação (5,4%) e, por fim, da esgrima (4,7%).

No futebol americano, 1,5 milhões de jovens jogam futebol no liceu e todos os anos ocorrem, em média, 30 acidentes que resultam em morte, invalidez parcial ou total e danos cerebrais irreversíveis. Segundo uma estimativa de 1993, a duração média da carreira dos jogadores nesta modalidade está estimada em 3,2 anos (MELO & AZEVEDO, 2004). Um estudo de 1997 na National Football League mostrava que até as «cheerleaders» se lesionavam quase tanto como os jogadores.

Outra das perversidades presentes no desporto tem a ver com o **treino intensivo precoce**, o qual acaba por se transformar em **exploração infantil**. Basta atentarmos

em alguns casos concretos, alguns dos quais intimamente relacionados com a profissionalização dos atletas: Nádia Comaneci foi campeã da Europa aos 13 anos e campeã olímpica aos 14 (Montreal, 1976); aos 16 anos, Naim Suleimanov batia recordes do mundo de halterofilia; Ronaldo assinou o primeiro contrato profissional aos 13 anos de idade; no ténis, Martina Hingis profissionalizou-se com 14 anos e Kuti Kis aos 12 anos. Sharapova fez a sua estreia no circuito profissional em 2001, aos 14 anos; Bethany Hamilton aos 4 anos participava numa prova de surf organizada pela Quicksilver, em 1990; em Janeiro de 2007, Michael Perham, com 14 anos, atravessa sozinho o Atlântico num veleiro em 47 dias.

Entre nós, em 2000, o português Ricardo Jorge, com 13 anos, trocou o Leixões pelo Aston Villa; em 2005 o Chelsea pretendia contratar o romeno Cristian Ponde, de 10 anos, que jogava no Olhanense; nesse mesmo ano, João Gomes, que, aos 15 anos, alinhava nas camadas jovens do Mónaco começa a ter no seu encalço a Juventus, o Parma, o Ajax, o Marselha, o Lyon e o Cannes. Mais recentemente, no ténis, Michelle Brito torna-se, em Março de 2007, a sétima jogadora mas nova de sempre a ganhar um jogo do WTA Tour aos 14 anos.

Perante este panorama, o qual é minuciosamente apresentado e desmontado por Personne (1991) em termos de especialização desportiva precoce, assim como no que se refere às responsabilidades em relação à saúde e à formação de imensas crianças em inúmeras modalidades desportivas, *“a exploração das crianças com fins políticos que esta última provoca não é menos condenável do que quando é mercantil”* (ibidem, p. 101).

Do mesmo modo Araújo (1995, p. 116) declara que *“a prática vem-nos demonstrando que pais, treinadores e dirigentes são coniventes com situações que se inserem claramente na lógica da exploração de mão-de-obra infantil”*.

Também Teotónio Lima (2005) nos diz que forçar as crianças e jovens a fazer desporto, a jogar à maneira dos adultos, é forçá-las a uma submissão às regras dos adultos, o que, *“no fundo, fazê-lo assim é o mesmo que se faz com o **trabalho infantil**”* (ibidem, p.78).

Poderíamos ainda abordar como perversidades a ingerência da **política** e da **religião** no desporto, ou até mesmo casos de **racismo** que começam a despontar, mas mais preocupantes são os casos de **terrorismo** que são cada vez mais frequentes: a vitória de Tonya Harding no campeonato americano de patinagem artística à custa do ataque ao joelho de Nancy Kerrigan com uma barra de ferro levado a cabo por um grupo liderado pelo marido da primeira, em 1993, o esfaqueamento de Mónica Seles em plena prova também em 1993, o facto de se impedir um atleta, que segue em 1º lugar na maratona, de ganhar essa prova e acabar por ficar em 3º lugar – Vanderlei Lima, nos J. O. de Atenas em 2004 –, o desistir-se de uma carreira de árbitro devido às ameaças sofridas por Anders Frisk e pela sua família em 2005 ou ameaças de morte a jogadores e rapto de seus familiares (que estão na moda no Brasil) têm de ser considerados **terrorismo no desporto!**

Demonstra-se assim a importância da ética (teórica) – ou da falta dela – e da moral (prática) na prática desportiva, do desenvolvimento moral dos praticantes e da sua sociomotricidade, assim como da própria regulamentação de normativos e respectiva fiscalização de comportamentos e condutas até porque *“o desporto, considerado como um fenómeno cultural, está longe de ser moralmente inocente”*(TANNSJO & TAMBURRINI, 2000, p. 1).

E tanto mais importantes são quanto mais se diferenciam as duas lógicas que se defrontam no desporto: a primeira, a do «excesso» – a imagem de um corpo capaz de deslocar as normas físicas, a lógica do melhoramento indefinido de performances e de habilidades, o «sempre mais» (do «mais alto, mais forte e mais longe») colocado no centro de um espírito desportivo e conduzindo insensivelmente à tentativa de «manipular» os recursos e os dispositivos corporais; a segunda lógica é a da «pureza», a do rigor extremo – ela pretende o respeito absoluto pelas integridades físicas, assim como a perfeição de atitudes e comportamentos – a do modelo, contra-sociedade projectada em ideal dos nossos funcionamentos colectivos (VIGARELLO, 2004).

Estas duas lógicas confrontam-se implicitamente mas também intensamente: visão de excesso, o espírito desportivo é mais ainda uma maneira excepcional de suscitar modelos e de os exhibir. Uma maneira tão excepcional mesmo que tende a esconder todas as fendas internas e todo o disfuncionamento para melhor se valorizar e se justificar. O desporto necessita assim saber proteger o mito para conservar o que ele tem de precioso e saber relativizá-lo para instalar o que ele tem de perverso (*ibidem*, p. 20).

É a partir dos novos desafios, no campo da educação e do ensino, assim como no campo desportivo (treino), postos aos **actuais treinadores** que “*se deve novamente repor a pergunta a respeito dos fins últimos que dão sentido à sua existência e à sua acção enquanto tal, tanto em sua dimensão individual, quanto colectiva*” (OLIVEIRA, 2000, p. 8).

A desaprovação das perversidades existentes na prática desportiva por parte do treinador, porque nada têm a ver com o desporto, mesmo que sejam inevitáveis, mostra que, existindo um acto de transferência de uma escala de valores na actividade profissional do treinador, esta se encontra imbuída de princípios éticos na relação pedagógica estabelecida com os alunos (BERESFORD, 1994). E principalmente quando o treinador exerce funções de responsabilidade perante os escalões etários mais baixos...

Compete ao treinador munir-se de conhecimentos e estratégias a todos os níveis que lhe permitam desempenhar as suas funções de uma maneira pedagogicamente mais pedagógica, até porque o treinador que ensina Karaté ao Zé, deve conhecer o Karaté. O pedagogo que ensina Karaté ao Zé, deve conhecer o Zé ...

... ou, como diria Teotónio Lima,

*“Quem deixar de aprender deve deixar de ensinar”...*

## X - Bibliografia

- ABREU, Manuel Viegas (1990), "Parecer nº 9/89 do Conselho Nacional de Educação (desporto escolar)", *Diário da República - II Série*, nº 28 2-2-1990, pp. 1167-1173.
- ACADEMIA DE BUDO (1960), *Elucidário de Judo*, Lisboa, Academia de Budo.
- ALMADA, Fernando, et al (1984), *Ludens*, Lisboa, ISEF-CDI, Vol.8, nº3, Abr-Jun., [número dedicado aos Desportos de Combate].
- ARAÚJO, Jorge, (1995), *Manual do Treinador do Desporto Profissional*, Porto, Campo das Letras.
- ARAÚJO, Jorge (2006), "Excelência, um compromisso emocional", *Horizonte*, Lisboa, n.º 125, Set-Out.
- BENTO, Jorge Olímpio (2004), *Desporto – Discurso e Substância*, Porto, Campo das Letras.
- BERESFORD, Heron (1994), *A Ética e a Moral Social Através do Esporte*, Rio de Janeiro, Sprint.
- BOURDIEU, Pierre (2003), *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século.
- BOUTHOL, Gaston (1966), *O Fenómeno Guerra*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- CAILLAT, Michel (2005), "Un Inconscient Social", *Le Nouvel Observateur*, n.º 60, Out-Nov, Paris, Le Nouvel Observateur du Monde.
- CAGIGAL, José Maria (1990), *Deporte y Agresion*, Madrid, Alianza Deporte.
- CARVALHO, Yara M. (2004), *O «Mito» da Actividade Física e Saúde*, São Paulo, Editora Hucitec.
- CERVEIRA, Raul (1976), *Karate-do*, Lisboa, s/e.
- COAKLEY, Jay J. (1998), *Sport in Society – Issues and Controversies*, Boston, McGraw-Hill.
- CORCORAN, John; FARKAS, Emil (1988), *Martial Arts - Traditions, History, People*, New York, Gallery Books.
- FIGUEIREDO, Abel A. (1986), "O Significado Actual do Karate - Arte Marcial / Desporto de Combate?", *Horizonte*, Lisboa, nº22, Out-Nov.
- FIGUEIREDO, Abel A. (1990), "O Ippon no Karate", *Bushido - Artes Marciais e Desportos de Combate*, Lisboa, nºs 13;16-18, Jan; Abr-Jun.
- FIGUEIREDO, Abel (1990), "Há Desporto e 'Desporto'", *Bushido - Artes Marciais e Desportos de Combate*, Lisboa, nº 14, Fevereiro de 1990, pp. 10-11.
- FIGUEIREDO, Abel (1990), "O Desenvolvimento do Karaté Nacional (A Tensão entre Arte Marcial e Desporto de Combate)", *Bushido - Artes Marciais e Desportos de Combate*, Lisboa, nº 22, Outubro de 1990, p. 22.
- FIGUEIREDO, Abel (1991), "De Paradigma em Paradigma", *Bushido - Artes Marciais e Desportos de Combate*, Lisboa, nº 26, Fevereiro de 1991, pp. 6-7.
- FORMOSINHO, João (1992), *Da Crise da Educação Escolar à Diversidade da Função Docente - Reflexões sobre a Formação de Professores*, Braga, Universidade do Minho - CEFOPE (Documento fornecido na disciplina Teoria de Formação de Professores do IV Mestrado em Ciências da Educação, Metodologia em Educação Física, da FMH-UTL).

- FUNAKOSHI, Gichin (1974), *Karate-dô Kyohan: the Master Text*, London, Ward Lock Limited - Tradução: OHSIMA, Tsutomu.
- GAUQUELIN, Michel; GAUQUELIN, Françoise (1978), *Dicionário de Psicologia*, Lisboa, Verbo (1ª Ed: 1971).
- GLEESON, Geof (1975), *Judo*, "Coleção Desporto", Europa-América, Mem Martins, Tradução de António Câmara.
- GUTIÉRREZ SANMARTÍN, Melchor (1995), *Valores Sociales y Deporte*, Madrid, Gymnos Editorial.
- HERRAIZ, Salvador (1989), "Masatoshi Nakayama ... His Last Interview", *Fighting Arts International*, Terry O'Neill, Merseyside - England, nº 61, pp. 37-41.
- INOCENTES, Armando (2002) "A Violência na Prática Desportiva Infanto-Juvenil – percepções e atitudes do corpo docente de Educação Física perante comportamentos de violência em alunos nas Escolas dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico", Cruz Quebrada, Lisboa, FMH-UTL, Dissertação de Mestrado, doc. não publicado.
- INOCENTES, Armando (2006), "As duas faces da medalha – a bivalência do desporto", *Horizonte*, Lisboa, n.º 124, Jul-Ago.
- INOCENTES, Armando (2007), "Mitos e Paradoxos do Desporto e do Karaté – o novo paradigma", comunicação apresentada ao Congresso Científico de Artes Marciais e Desportos de Combate, 13 e 14 de Abril, Viseu, ESEV e ADIV, doc. não publicado.
- IRLINGER, Paul (1993), "Les jeunes et l'idéologie sportive. Etude statistique de l'adhésion des jeunes français a l'éthique sportive et de ses principaux facteurs de variation", *STAPS – Revue des Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives*, n.º 30, Fev., Paris, INSEP.
- LIMA, Sílvio (1987), *Ensaio Sobre o Desporto*, "Desporto e Sociedade - 55", 2ª Ed., Lisboa, Ministério da Educação, Direcção-Geral dos Desportos (1ª Ed: 1937).
- LIMA, Sílvio (1987), *Desporto, Jogo e Arte*, "Desporto e Sociedade - 63", 2ª Ed., Lisboa, Ministério da Educação, Direcção-Geral dos Desportos (1ª Ed: 1938).
- LIMA, Sílvio (1987), *Desportivismo Profissional. Desporto, Trabalho e Profissão*, "Desporto e Sociedade - 75", 2ª Ed., Lisboa, Ministério da Educação, Direcção-Geral dos Desportos (1ª Ed: 1939).
- LJUNGQUIST, Arne (1998), "Cheats prosper from soft pedalling on hard drugs", in C. Donellan (Ed.), *Drug Abuse in Sport*, Vol. 26, pp. 12-13, Cambridge, Issues.
- MELO, Afonso; AZEVEDO, Rogério (2004), *Doping : a triste vida do super-homem*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- NÓVOA, António (1991), "A Formação Contínua entre a Pessoa-Professor e a Organização-Escola", *Inovação*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação, Vol. 4, nº 1, pp. 63-76.
- OLIVEIRA, António (1992), "Manifesto sobre o Karate Português", *Bushido*, Lisboa, nº 47, Nov. de 1992, p. 2.
- OLIVEIRA, Manfredo A. (2000), *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*, Petrópolis, Ed. Vozes.
- PEREIRA, Nestor (1975), "Breve História do Karate Shotokai em Portugal", em: MENDONÇA, Rui (1975), *Karate - Todas as Bases de Principiante a Cinto Negro*, Porto, Sociedade Distribuidora de Edições, pp. 170-172.
- PERSONNE, Jacques (1991), *Nenhuma Medalha Vale a Saúde de uma Criança*, Lisboa, Livros Horizonte.

- QUEVAL, Isabelle (2004), "Les Valeurs Éducatives du Sport: Mythe et Realité", in G. Vigarello (Dir.), *L'Esprit Sportif Aujourd'hui*, pp. 25-35, Paris, Universalis.
- RUBIO, Katia (2006), "O imaginário da derrota no esporte contemporâneo", *Psicologia & Sociedade*, n.º 1, Jan-Abr., Porto Alegre, disponível *on line* em <http://www.scielo.br>, consultado a 16.Mar.2007.
- SARMENTO, Pedro (2004), *Pedagogia do Desporto e Observação*, Cruz Quebrada, FMH-UTL.
- SÉRGIO, Manuel (1987), *Para uma Epistemologia da Motricidade Humana*, "Educação Física e Desporto", Lisboa, Compendium.
- SÉRGIO, Manuel (1989), *Motricidade Humana - Uma Nova Ciência do Homem*, C. Quebrada, ISEF-UTL.
- SÉRGIO, Manuel (2003), *Algumas Teses sobre o Desporto*, Lisboa, Compendium.
- SMITH, Michael D. (1983), "What is sports violence? A sociolegal perspective", in J. H. Goldstein (Ed.), *Sports Violence*, pp.33-45, New York, Springer-Verlag.
- TANNSJO, Torbjorn; TAMBURRINI, Claudio (2000), *Values in Sport*, London, E & F Spon Routledge.
- TEOTÓNIO LIMA (2005), "O Alcance Educativo do Desporto", in AA. VV., *O Desporto, a Educação e os Valores, Conferência Internacional*, pp. 71-79, Lisboa, ULHT.
- TOKITSU, Kenji (1979), *La Voie du Karaté - Pour Une Théorie des Arts Martiaux Japonais*, Paris, Editions du Seuil.
- UNESCO (1980), *El Niño y el Juego - Planteamientos Teóricos y Aplicaciones Pedagógicas*, "Estudios y Documentos de Educación - n° 34", Paris, Unesco.
- VIGARELLO, Georges (2004), "L'Esprit Sportif Aujourd'hui, des Valeurs en Conflit", in G. Vigarello (Dir.), *L'Esprit Sportif Aujourd'hui*, pp. 7-22, Paris, Universalis.